

RUTH GONÇALVES OLIVEIRA

**PERCEPÇÃO DOS ADULTOS TERENA SOBRE A
SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS DA
ALDEIA TERERÉ DE SIDROLÂNDIA - MS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE – MS
2007**

RUTH GONÇALVES OLIVEIRA

**PERCEÇÃO DOS ADULTOS TERENA SOBRE A
SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS DA
ALDEIA TERERÉ DE SIDROLÂNDIA - MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação. Área de Concentração: Diversidade Cultural e Educação Indígena .
Orientadora: Prof^a Dr^a Adir Casaro Nascimento.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE – MS
2007**

**PERCEPÇÃO DOS ADULTOS TERENA SOBRE A
SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS DA
ALDEIA TERERÉ DE SIDROLÂNDIA - MS**

RUTH GONÇALVES OLIVEIRA

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª: Dr^ª Adir Casaro Nascimento

Banca Examinadora: Prof^ª. Dr^ª Beatriz Landa

Banca Examinadora: Prof^ª Dr^ª Marina Vinha

DEDICATÓRIA

Dedico com amor este trabalho às queridas filhas: Larissa, Letícia, Heloísa, Leilaísa, ao esposo: Márcio, aos meus pais: Wanderley e Maria Geralda aos irmãos: Lúcio, Izaías, Vanda e Walter que sempre acreditaram no meu esforço e entusiasmo na realização dessa pesquisa. Em especial à esposa e filhas de um irmão querido que não se encontra entre nós: Segismundo J.Lopes (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar sempre presente em todos os dias da minha caminhada fortalecendo-me nos momentos mais difíceis.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Educação da UCDB que souberam socializar seus conhecimentos com extrema sabedoria. Em especial a minha orientadora: Prof^a Dr^a Adir Casaro Nascimento.

Aos amigos e amigas, professores, diretores, coordenadores e alunos das instituições: Santos Dumont e da Faculdade de Costa Rica, pelo incentivo e companheirismo.

À Secretaria Municipal de Sidrolândia, aos professores e professoras, às lideranças e todos os membros da comunidade indígena Terena da Aldeia Tereré, e da Aldeia Córrego do Meio pela acolhida e colaboração na coleta dos dados.

Ao Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Costa Rica, de maneira especial às educadoras: Rosely Cruz Machado, Mércia Crepaldi Carvalho de Oliveira. e Mirian Aun Pincelli Carrijo.

A educação indígena é difícil de analisar principalmente porque não é parcelada. Descrever a educação indígena no Brasil seria quase descrever o dia-a-dia de todas as aldeias, de todas as comunidades indígenas, que simplesmente vivendo, estão se educando.

(Bartomeu Melià)

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA RESPONDIDA PELOS PAIS, AVÓS, TIOS, DIRETOR E PROFESSORES DA ALDEIA TERERÉ.....	73
ANEXO 2 – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA RESPONDIA PELO CACIQUE DA ALDEIA TERERÉ.....	74
ANEXO 3 – FOTOS DA ALDEIA TERERÉ.....	75

OLIVEIRA, Ruth Gonçalves. **PERCEPÇÃO DOS ADULTOS TERENA SOBRE A SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS DA ALDEIA TERERÉ DE SIDROLÂNDIA-MS.** Campo Grande, 2007, 71p. Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado em Educação. Universidade Católica Dom Bosco.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo perceber como a educação indígena se realiza dentro de uma aldeia. Dessa forma, com a finalidade de estudar o universo multicultural da Aldeia Tereré, valorizando a cultura do povo Terena e buscando meios para fazer a releitura de acordo com os ressignificados, delimito o tema a um estudo da percepção dos adultos sobre a socialização das crianças de 0 a 6 anos da Aldeia Tereré de Sidrolândia Mato Grosso do Sul. Tendo como objeto e sujeito do estudo a criança circunscrita aos relatos das pessoas adultas e idosas da aldeia. Nesta perspectiva, procuro encontrar respostas para a problematização: como a criança da Aldeia Tereré é educada no ambiente familiar e qual é a concepção que a comunidade indígena tem sobre a socialização da criança do 0 a 6 anos de idade? Como as influências locais e externas atuam no processo de sua formação identitária? Os procedimentos da coleta de dados foram realizados através do levantamento bibliográfico, pesquisa de campo através de entrevistas semi-estruturadas, com roteiro pré-estabelecido. Para a análise dos dados usei a abordagem qualitativa, ressaltando os depoimentos dos entrevistados para a relevância dessa pesquisa. Por meio desse estudo foi possível compreender que a criança indígena é educada de acordo com os padrões do povo Terena, sendo relevante a preservação de sua individualidade, enquanto a criança não-indígena submete-se às normas e padrões de comportamentos impostos pela sociedade capitalista. Pela proximidade da aldeia com a área urbana, torna-se cada vez mais difícil manter a criança indígena alheia aos acontecimentos do entorno, mas para a comunidade indígena da Aldeia Tereré o importante é ensinar a esta criança os valores próprios de sua cultura.

Palavras - Chave: Socialização Primária, Educação Indígena, Índios Terena.

OLIVEIRA, Ruth Gonçalves. **A study of perception and vision of the adults on the socialization of the children of 0 to 6 years of the Village Tereré de Sidrolândia - MS.** Campo Grande, 2007, 71p. Dissertação (Mestrado). Program of Mestrado in Education. University Dom Catholic Bosco.

ABSTRACT

This work left of the estimated one of as the aboriginal education if it carries through inside of a village. Of this form, with the purpose to study the multicultural universe of the Tereré Village, being valued the culture of the Terena people and searching half to make the read over again in accordance with the meaning over again ones, I delimited the subject to a perception study and vision of the adults on the socialization of the children of 0 the 6 years of the Village Tereré de Sidrolândia Mato Grosso of the South. I had as object and citizen of the study the circumscribed child to the stories of the adult and aged people of the village. In this perspective, I look for to find answers for the problematic: how the child of the Terere Village is educated in the familiar environment and which is the conception that the aboriginal community has on the socialization of the child of the 0 6 years of age? I had as objective to understand the daily one of the Terena child, the Terere Village through its way of being: movement, habits and attitudes from the 0 to the 6 years of life, and as the local and external influences act in the process of hers identify formation. The procedures of the collection of data had been carried through the bibliographical survey, research of field and half-structuralized interview, with daily pay-established script. For the analysis of the data I used the qualitative boarding, by means of ethnographycs procedures, standing out the depositions of the interviewed ones for the relevance of this research. By means of this study it was possible to understand that the aboriginal child is educated of, aaccording with the Terena people standards it being importance the preservation of hers individuality, while the child not-aboriginal submits it the norms and standards of behaviors taxes for the capitalist society. For the proximity of the village with the urban area, each more difficult time becomes to keep the other people's aboriginal child to the around events, but for the aboriginal community of the Tereré Village the important one is to teach to this child the proper values of hers culture.

Words - Key: Socialization, Aboriginal Education, Terena.Indians.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DO POVO TERENA.....	16
1.1 O Estado de Mato Grosso do Sul. e o Povo Terena.....	17
1.2 A política integracionista brasileira.....	25
1.3 Histórico da Aldeia Tereré	31
1.4 O Terena da Aldeia Tereré e a pedagogia indígena.....	38
CAPÍTULO II: A PERCEPÇÃO DOS ADULTOS E O COTIDIANO DA CRIANÇA TERENA DA ALDEIA TERERÉ.....	41
2.1 A visão conceitual da comunidade indígena da Aldeia Tereré	41
2.2 A definição de infância pela sociedade não-indígena.....	46
2.3 Aspectos da socialização da criança Terena da Aldeia Tereré	52
2.4 A percepção dos indígenas sobre a criança Terena da Aldeia Tereré.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	68
ANEXOS.....	72

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, “Percepção dos adultos Terena sobre a socialização das crianças de 0 a 6 anos da aldeia Tereré de Sidrolândia-MS”, possui como objeto de estudo a criança Terena, circunscrita aos relatos de pessoas adultas e idosas e está problematizado da seguinte forma:

Como a criança da Aldeia Tereré de Sidrolândia / Mato Grosso do Sul é educada no ambiente familiar e qual é a concepção que os adultos indígenas têm sobre a socialização da criança do 0 a 6 anos de idade? Como as influências atuam no processo de sua formação identitária.?

O objetivo geral da pesquisa é: registrar a concepção que os adultos Terena têm da criança terena e o processo de socialização primária que acontece no período de 0 aos 6 anos de vida, por meio das observações perpassadas pelos mais velhos, ou seja, pais e avós, e como as influências atuam no processo de sua formação identitária.

Objetivos específicos:

- Descrever o processo de socialização primária contemporânea de crianças indígenas em uma comunidade específica;
- Identificar os elementos da pedagogia indígena Terena na educação de crianças indígenas em permanente contato com a sociedade não-indígena.

Optei pela pesquisa qualitativa que Minayo (2002, p.21) conceitua da seguinte forma:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Quanto à metodologia foram utilizados os seguintes instrumentos:

- a) levantamento bibliográfico,
- b) entrevistas semi-estruturadas realizadas com membros da comunidade da Aldeia Tereré, por meio de roteiro pré-estabelecido.

Os recursos utilizados na metodologia procuraram relatar a experiência e a vivência indígena empregada no cotidiano do povo Terena para a socialização das crianças de 0 a 6 anos e a obtenção dos dados, a partir de entrevistas com as famílias da Aldeia Tereré de Sidrolândia / MS quanto à percepção e visão dos adultos sobre a socialização da criança de 0 aos 6 anos.

A fundamentação teórica foi sustentada em: Azanha (2005); Vieira (2004); Lopes da Silva (2002); Melià (1978); Berger e Luckmann (2004); Barth (2000); Sganzerla (2002); Braghirolli (2002); Oliveira (1999) Vasconcelos (1999) e outros.

O trabalho de campo com o intuito de obter anuência da comunidade indígena foi realizado tornando explícito para a liderança da Aldeia Tereré os objetivos desta pesquisa, os métodos e procedimentos da mesma, além de ter mantido esclarecimentos no decorrer da investigação. Levando em consideração a decisão e a descoberta, antes, porém, cuidando da fase da aproximação que foi de suma importância para adquirir a confiança do povo Terena da Aldeia Tereré de Sidrolândia – Mato Grosso do Sul, pois os depoimentos

dependem do bom relacionamento e da credibilidade que os índios sentem em relação ao pesquisador, esta pesquisa foi desenvolvida com critérios científicos que respeitam os valores culturais, morais e éticos da comunidade Terena.

A presente pesquisa teve origem a partir de uma visita realizada por mim na Aldeia Tereré de Sidrolândia no ano de 2001 com um grupo de pesquisadores da Universidade Católica Dom Bosco, liderado pelo Frei Alfredo Sganzerla. Naquela ocasião, como aluna especial do Mestrado em Educação da UCDB, percebi que muitas crianças não freqüentavam a escola e seus pais trabalhavam fora e elas permaneciam sob o cuidado das pessoas mais velhas de forma amistosa.

Naquele momento chamou-me a atenção o modo de ser das crianças, como elas agiam em casa, brincando e ocupando o espaço da aldeia. E de que forma os mais velhos as educavam?

Retornando à Aldeia Tereré - Sidrolândia/MS em 2004, para realizar a pesquisa como aluna do Mestrado em Educação, da Universidade Católica Dom Bosco, sob a linha de pesquisa nº 3, “Diversidade Cultural e Educação Indígena” que estuda a cultura como algo inconcluso, incompleto e sempre em processo. Nesta perspectiva, o estudo da cultura está baseado numa contínua análise das condições locais, nacionais e globais da existência, na medida em que elas fornecem ou impedem as possibilidades da agência crítica em outros (SILVA 2002).

Durante o levantamento bibliográfico, com literatura específica dos Estudos Culturais, mantive sempre o contato com a comunidade indígena Terena da Aldeia Tereré localizada no município de Sidrolândia/MS, onde no decorrer da pesquisa realizei inúmeras visitas.

As visitas à comunidade indígena da Aldeia Tereré, está dividida em dois momentos, sendo:

a) O primeiro momento foi compreendido em 03 visitas, nas quais percebi a estrutura organizacional da aldeia em seu aspecto externo, pautada em observação do espaço e no cotidiano dos moradores da aldeia. Durante essas visitas, além da fase de aproximação, registrei algumas fotos de determinados locais da aldeia, sempre contando com a colaboração do capitão Valcélvio Figueiredo, que gentilmente me acompanhou no decorrer das visitas.

b) O segundo momento foi compreendido em 06 visitas. Nesse período, foram realizadas as entrevistas com os pais, mães, adultos, idosos, professores e lideranças para obter os dados necessários sobre a socialização das crianças de 0 a 6 anos da Aldeia Tereré. As entrevistas com os determinados informantes foram realizadas segundo a indicação do capitão Valcélvio Figueiredo, o mesmo participou de algumas delas. As visitas nesse segundo momento, sempre ocorreram em um ritmo mais lento, pois em muitas vezes a chuva e a falta de disponibilidade das pessoas me impediam. Mas, mesmo assim os dados obtidos pelas entrevistas não perderam seu valor, e por isso foi de grande relevância para a pesquisa.

A dissertação foi organizada em dois capítulos, sendo:

O capítulo I apresenta A História do Povo Terena onde enfoco principalmente a realidade do Estado de Mato Grosso do Sul relatando aspectos da política integracionista além de apresentar o histórico da Aldeia Tereré.

No capítulo II discorro sobre: A Organização Social da Aldeia Tereré, a visão conceitual da comunidade indígena da Aldeia Tereré; tento compreender os aspectos identitários da criança Terena da Aldeia Tereré e as características de sua socialização

primária. Apresento ainda, o trabalho realizado com as entrevistas na aldeia durante a pesquisa de campo.

Nas considerações finais, apresento constatações pertinentes ao estudo realizado e ainda aponto algumas possibilidades para novos estudos.

CAPÍTULO I - A HISTÓRIA DO POVO TERENA

Neste capítulo faço uma retrospectiva histórica do povo Terena fundamentada nos autores: Vieira (2004), Sganzerla (1992), Azanha (2005) e outros que me antecederam na elaboração das pesquisas que tratam da questão histórica deste povo.

Para se fazer um relato histórico sobre o povo Terena, é necessário antes de mais nada, fazer uma retrospectiva sobre a história colonial do Brasil que segundo Vieira (2004,p.21) foi marcada por duas questões fundamentais:

Em primeiro lugar, compreender a colonização, suas práticas e conseqüências para as populações que ocupavam o território há vários séculos antes dos portugueses. E, por outro lado, também, romper com os limites impostos, cronologicamente, pelo colonizador, segundo os quais a História de centena de povos foi reduzida e escrita a partir da data do Descobrimento.

Nos livros de história a conquista portuguesa é contada sob o ponto de vista do colonizador e tanto o índio quanto o negro ocupam um lugar de pouca relevância, Vieira (2004, p.21) enfatiza:

Do ponto de vista da população nativa, que ocupava o território, foram negadas as suas histórias, as culturas, os costumes, religiões e valores. Quando aparece nos relatos é de forma estereotipada, etnocentricamente, a partir de uma imagem genérica a serviço dos interesses políticos, religiosos e econômicos da sociedade dominante.

Atualmente é possível saber a perda que o Brasil teve em relação aos povos indígenas que aqui habitavam, foram catalogadas a perda de centenas de línguas e diversas etnias. Para o conquistador europeu ocupar as terras dos indígenas e submetê-los aos seus costumes por meio da escola e da religião, sendo a religião introduzida em forma de catequese, com a recusa do indígena ocorria o genocídio e a escravização. Vieira (2004, p.23) salienta que:

Muitas foram as guerras e expedições no período colonial contra as populações indígenas, principalmente tendo como alvo aqueles que resistiam à submissão e defendiam seus territórios. Dentre muitos outros acontecimentos, destaca-se a expedição organizada durante o governo de Mem de Sá, em setembro de 1558, que foi registrado na história como um dos primeiros massacres praticados na região do Paraguaçu, Estado da Bahia, contra a população indígena.

1.1 O ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL E O POVO TERENA

Consta nos relatos históricos que o atual Estado do Mato Grosso Sul esteve por um período sob dominação do Paraguai - pelo Tratado de Tordesilhas, de 1494, quando pertencia à Coroa espanhola e até a segunda metade do século XIX foi motivo de disputa com o Brasil. Antes dos espanhóis, habitava no Pantanal a nação Xarayés, que desapareceu dos relatos históricos a partir de 1580. Nesse período, também, foram identificados os Guaycuru, grupo com uma população de mais de 20 mil homens e reduzidos, em 1878, a mil pessoas e que mantinham relações e políticas econômicas com populações de agricultores, como os Caudiéo, Beaquéo, Guaná e Terena.

O Estado de Mato Grosso do Sul possui, em seu território, uma significativa população indígena, na qual destacam-se os Kaiowá e Guarani, os Terena, os Kadiwéu, os Guató e os Ofaiet, sendo que os Kaiowá e Guarani e os Terena apresentam-se com o maior contingente populacional; os primeiros com cerca de 30 mil pessoas e os Terena com 20 mil pessoas. A população indígena no Estado está estimada em 55 mil pessoas (cf. dados da FUNASA, 2004).

A história do povo Terena segundo Sganzerla (2002) se confunde com a ocupação de Mato Grosso do Sul, o governo federal delimitou as áreas indígenas entre os anos de 1904 e 1905, mas Oliveira (1976) refere-se às primeiras ocupações em torno de 1830, antes da Guerra do Paraguai.

A Guerra do Paraguai foi um marco para o povo Terena, ela ocorreu no período compreendido entre 1864 e 1870. Mangolim (1997) esclarece que os Terena migraram do Chaco Paraguai¹ para o Mato Grosso do Sul em três momentos distintos:

a) O primeiro, antes da Guerra do Paraguai, em busca de terras férteis e produtivas, localizando-se na região conhecida como Cabeceira da Onça (próxima à Aquidauana;

b) O segundo momento deu-se na Guerra do Paraguai, onde os Terena procuravam a região dos morros na Serra de Maracaju, advindos da Guerra; e no terceiro momento, migraram mais tarde para as terras demarcadas para eles, enfrentando naquele momento a exploração feita pelos senhores de terras.

As conseqüências da Guerra do Paraguai para os Terena foram marcantes, ficando impregnadas na memória tribal. Oliveira (1976) explica que além da dispersão da

¹o Chaco segundo Acçolini (1996) se estende por cerca de setecentos mil quilômetros quadrados, abrangendo a Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil.

população Terena por uma extensa área que vai do Miranda até o rio Brilhante, às nascentes do Vacaria e ao Vale do Dourados, o término da Guerra provocou o aparecimento de um contingente humano em Mato Grosso do Sul, que passou a se fixar na região. Essa população era formada por uma parte do exército brasileiro que, desmobilizado nessa área, preferiu permanecer a voltar às suas terras de origem, e também por paraguaios que, após o conflito, começaram a penetrar em grande número, na região mato-grossense, que lhes oferecia melhores perspectivas econômicas que o Paraguai, desgastado e derrotado pela Guerra.

Em 1905 teve início a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que ligaria Bauru a Porto Esperança, no rio Paraguai. Ao alcançarem as cidades de Miranda e Aquidauana em 1911 e 1912, os Terena passaram a ser utilizados nos trabalhos de construção e conservação das linhas da Noroeste. Além disso, esta estrada de ferro ligou diretamente o Estado de São Paulo ao Estado de Mato Grosso do Sul, provocando o surgimento de tráfego próximo aos aldeamentos Terena. Com isso, as possibilidades de desenvolvimento econômico da região aumentavam sensivelmente, atraindo uma grande onda migratória para o Estado. Oliveira (1976) enfatiza que esse incremento econômico e demográfico que a Noroeste do Brasil trouxe ao Mato Grosso do Sul, mudou a paisagem urbana regional e estimulou a criação de novos núcleos populacionais que foram surgindo às margens da estrada e impôs um caráter especial à aquela extensa área do Brasil meridional.

Castelnau (1949, p.301), no capítulo XXV da “Expedição às regiões centrais da América do Sul”, relatando a volta a Albuquerque e Miranda, registra histórias que ouviu de conflitos entre soldados e Terena, que são descritos como “Uma nação guerreira que conserva com toda integridade os costumes de seus antepassados.” Oberg (1985)

afirma que essa migração se deu em meados do séc. XIX, quando os Terena do lado ocidental do rio Paraguai, no Chaco vindo para Mato Grosso do Sul.

As referências aos Terena os situam como pertencentes ao povo Aruak, originários das planícies colombianas e venezuelanas, vindos através do rio Negro. Segundo Mangolim (1997, p.126) esse povo agricultor, caminhando na direção do sol nascente, procurava melhores terras para a sobrevivência de suas famílias e se dispersou pelo Brasil e outros países.

Carvalho (1979) refere-se aos Terena como pertencentes ao grupo Txané/Aruak, ocasionalmente subordinados aos Mbayá/Guaicuru, trazendo as características de pacifistas e dóceis dos Txané e a prática expansionista Aruak, representada na tradição sócio-mitológica em que a irmã mítica tratava da horta e seus dois irmãos viviam errantes.

Segundo Vieira (2004) os Terena, do contato com os Mbayá/Guaicuru, formaram alianças e assimilaram a estratificação social, aprenderam diferentes práticas e manejos tais como a criação de animais e organização social sem deixar a atividade agrícola, tornaram-se cavaleiros e repassaram esse modelo a outros grupos.

O Terena se chama a si mesmo de Poké'e que quer dizer terra. Com esta afirmação, Mangolim (1997,p.130) esclarece a forte ligação do povo Terena com a terra, confirmando assim, sua ligação com a agricultura, sendo a lavoura sua principal atividade econômica, e também de suma importância para a religião Terena. Sendo o Terena o filho natural da Terra, ela é a condição necessária para a sobrevivência física e cultural.

A sociedade Terena possuía uma estrutura social tríplice, marcada por relações assimétricas: os próprios Terena, que estavam divididos entre Naati e Waherê-Txané e os Kauti, ou cativos, que pertenciam a outros grupos. A primeira camada, Naati, era

constituída pelo chefe e seus parentes que detinham o poder político de caráter vitalício e hereditário; os Waherê-Txané eram as pessoas comuns, constituindo a maioria da população. Eles ainda eram divididos em duas metades e com os mesmos direitos sociais: os Sukirikinió e os Xumonó².

Entre as mais diversas informações e pesquisas de relatos realizados por viajantes exploradores, “Azara localiza os Guaná entre as latitudes 20° 22° pelo ano de 1673, época em que uma grande parte da ‘nação’ deslocou-se para o leste do rio Paraguai, ao norte do trópico, numa região denominada Província do Itati” (apud CARVALHO, 1979, p.23-24). Nela já estavam diversas etnias, com os Guaná e seus sub – grupos: Laiana, Terena (Etelenoé), Echoaladi e Kiquinau (Equiquinau). Ainda, segundo Carvalho (1979,p.28), as populações chaquenas dividiam-se em três ou quatro categorias: eqüestres e canoeiros, pedestres e agricultores.

Os Terena, motivados por conflitos com os espanhóis e disputas interétnicas em torno da subsistência, segundo Mangolin (1993), caminhavam na direção do sol nascente à procura de terras férteis para desenvolverem a agricultura. Migraram no século XVIII para a região denominada Xaraés pelos Guaicuru, antiga Província do Mato Grosso, atual Estado do Mato Grosso do Sul. A ocupação terminou em torno do ano 1845 (CARVALHO, 1979, p.40).

O povo Terena, segundo Bittencourt e Ladeira (2000), teve sua vida marcada por três acontecimentos históricos. O primeiro, se deu como a saída do Êxiva ou Chaco – região denominada pelos *purutyés*³, no século XVIII. No território mato-grossense,

² Segundo Acçolini, a origem destas metades está relacionada com os dois irmãos gêmeos mitológicos: uma das versões do mito nos relata que havia uma irmã, Livéchechévéna, e um irmão, Yurikoiuvakai, que moravam juntos. Livéchechévéna plantou uma roça e os frutos foram roubados pelo irmão, ela ficou com muita raiva e cortou os frutos em dois pedaços” (1996:16).

³ Purutuyé - termo da língua Terena utilizado por eles para denominar o homem “branco” – não-índio.

firmaram alianças com os Guaicuru e portugueses, construindo e mantendo com eles relações políticas e comerciais.

O segundo momento é o período considerado e denominado pelos mais velhos de “servidão”. É marcado pela participação dos Terena na Guerra do Paraguai (1864-1870). O conflito entre o Paraguai e a Tríplice Aliança atingiu, diretamente, as aldeias e vida das comunidades Terena, sendo que muitos se dispersaram, buscando refúgio em lugares inacessíveis, principalmente no lugar chamado de *Pulôwô’uti* e na serra de Maracaju, para onde foram os índios de Cachoeirinha (AZANHA, 2000,p.1). As conseqüências da guerra deixaram significativas perdas de “patrícios” – forma de tratamento entre os membros da etnia -, provocadas pelas frentes de batalha e doenças. Os que voltaram para as aldeias encontraram suas terras invadidas por fazendas e criadores de gado.

A maioria da população foi esparramada por fazendas e grandes cidades do Brasil, transformando-se em mão-de-obra importante no contexto do desenvolvimento da economia regional. Até os dias atuais exercem atividades de peões de fazenda, assalariados em usina de cana-de-açúcar e biscates. A partir de 1905, o trabalho indígena foi significativo na construção das linhas telegráficas e Estrada de Ferro Noroeste do Brasil que interliga Bauru a Porto Esperança, coordenada pela Comissão de Rondon⁴.

A situação vivenciada pelos Terena durante os acontecimentos envolvendo a Guerra do Paraguai, deixou marcas profundas em sua organização social, política e econômica. Estudiosos como Cardoso de Oliveira e Altenfelder Silva, constataram que esse acontecimento delimitou a sociedade Terena em dois momentos: o antes e o depois da

⁴ Marechal Cândido da Silva Rondon – membro da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas, criada em 1890. Pelo Decreto 8.072, 20 de junho de 1910, foi criado pelo governo de Nilo Peçanha o Serviço de Proteção ao Índio - SPI, órgão do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, cuja direção lhe foi confiada.

guerra. A monografia de Cardoso de Oliveira - Urbanização e Tribalismo (1968), a partir do levantamento de fontes históricas e pesquisas com os mais velhos da comunidade Terena, realizado entre os anos de 1955-1960, constatou que a guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança foi um marco na vida do povo. Uma sociedade tradicional que existiu antes da guerra, e, depois da guerra, os Terena tiveram que construir uma outra sociedade (AZANHA, 2003). A partir dessas constatações, Azanha (2000, p.22) afirma que:

De fato, o conflito com o Paraguai acarretou uma mudança radical no *modus vivendi* dos grupos Guaná com a população brasileira local. Se antes a relação era de mútua dependência, alicerçada na troca recíproca e no comércio justo e respeitoso entre os índios e as tropas regulares que formavam a população dominante nos “presídios” de Miranda e Albuquerque, depois da guerra as populações indígenas passaram a se relacionar com um grupo humano heterogêneo e oportunista – e que passaria a receber apoio oficial para a “colonização” da região conflagrada...Estes novos colonizadores – a maioria chegada de regiões do Brasil onde a relação com os índios era fundada na prepotência e no desprezo ao bugre – desconheciam completamente qual havia sido o papel dos Guaná para a conquista e manutenção da região em mãos brasileiras. E os índios se surpreenderam como o caráter eminentemente predador destes novos purutuya e recorriam como podiam às autoridades de Cuiabá – que antes os tratavam com respeito devido a aliados – para defenderem suas terras.

Pelo que constata, existia entre os Terena e os portugueses uma relação de utilização recíproca de benefícios. Os Terena foram importantes no processo de defesa e segurança da região contra os espanhóis e fornecedores de alimentos para a população local. Depois da guerra, como foi visto, os Terena forneceram mão-de-obra para uma população advinda de diversas regiões que desconhecia e ignorava o papel dos Terena no processo de desenvolvimento da região.

Escreve Vieira (2004, p.28). “a sociedade Terena contemporânea aqui considerada engloba, a um só tempo, três situações distintas: a situação de Reserva, a situação de cidade e a situação de fazenda” .

Outro elemento importante, segundo Bittencourt e Ladeira (2000), foi a delimitação das quatro primeiras reservas Terena, entre 1904 e 1905 - Cachoeirinha, Bananal, Ipegue e Lalima, no município de Miranda. A demarcação permitiu que o governo liberasse o restante das terras para frentes expansionistas de criação de gado e, posteriormente, a plantação de soja. Como fator importante no processo de ocupação, o governo implementou a política integracionista dos indígenas considerados arredios ou não “civilizados”, com o objetivo de transformá-los em pequenos produtores rurais. Em consequência dessa política, a população indígena foi confinada em pequenas glebas de terra, possibilitando o trabalho de catequese dos missionários com os indígenas.

Além das “reservas” acima citadas, posteriormente, entre as décadas de 1910 e 1920, foram requeridas ao Estado do Mato Grosso pelo extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI), as reservas Pilad de Rebuá, onde estão localizadas as aldeias Passarinho e Moreira, no município de Miranda; a área Limão Verde, município de Aquidauana; Aldeinha, na periferia do município de Anastácio; Buriti, entre os municípios de Sidrolândia e Dois Irmãos de Buriti; Tereré, dentro da cidade de Sidrolândia; e Brejão, no município de Nioaque. Encontram-se outros Terena nos municípios de Campo Grande, Rochedo, Porto Murtinho, Dourados e nos Estados do Mato Grosso e São Paulo, na reserva “Araribá”.

O povo Terena tem uma das maiores populações indígena do Brasil, esparramado por diversas aldeias. Sem ter dados populacionais que definam a população com exatidão. Segundo dados da (FUNASA-2005) a população Terena possui uma das maiores etnias indígenas do Estado do Mato Grosso do Sul com aproximadamente cerca de 20 mil pessoas.

Como em tempos passados, a agricultura é para os Terena uma de suas principais características socioculturais, junto com a produção da cerâmica, de instrumentos musicais e objetos de cipó e palha de palmeira.

Com o crescimento populacional indígena, mais precisamente dos Terena, as comunidades que residem em pequeno espaço físico, sente-se cada vez mais confinadas. Por esse motivo, muitos índios vão buscar na cidade, fazendas e destilarias de álcool formas de ocupação, obrigando-os a se manterem das atividades realizadas externamente (VIEIRA, 2004).

1.2 A POLÍTICA INTEGRACIONISTA BRASILEIRA

Com a política de colonização de Vargas, na década de 1930, o índio se tornou um dos elementos importantes de estudo, atraindo a atenção da academia brasileira e internacional, principalmente depois da fundação da Universidade de São Paulo, em 1934. Pesquisadores de diferentes correntes estiveram estudando os povos indígenas da região, como o francês Claude Lévi-Strauss, Herbert Baldus, Emilio Willems, Kalervo Oberg, Fernando Altenfelder, Roberto Cardoso de Oliveira, entre outros. Caio Prado Júnior, considerado pioneiro da vertente marxista na historiografia brasileira, confirma a concepção do expansionismo econômico sobre a população indígena, destacando que “a caça ao índio será um dos principais fatores da grandeza atual do Brasil” (PRADO JÚNIOR 1979, p.12, 36, 59 apud VASCONCELOS, 1999, p.21). Isto porque, os bandeirantes encontravam no mesmo espaço dois elementos importantes: o índio e o metal (VASCONCELOS, 1999, p.21).

Os indígenas foram ao longo dos anos utilizados como: guias, mão-de-obra e como defensores dos interesses econômicos, políticos e militares dos colonizadores portugueses. Essas ações tinham o respaldo da política indigenista imperial que perdurou, com algumas variáveis, até o período republicano, apoiada na concepção de “civilizar” os índios através da catequese, da escola, do estudo da língua, costumes, valores e cultura ocidental, além de incentivar a miscigenação.

O interesse principal, através da política integracionista, era a ocupação das terras e utilização da mão - de- obra. Como instrumentos dessa política, os governantes engajavam os indígenas nas fileiras militares e, através da disciplina e da formação, teriam a possibilidade de serem inseridos nos costumes e valores da sociedade brasileira. Segundo Vasconcelos, (1999, p.43 e 87)

Os indígenas eram retirados de suas terras para servir ao serviço militar e com isso abriam espaço cada vez mais para a ocupação branca. O uso da mão-de-obra indígena era uma prática rotineira na região. O engajamento desses índios às tropas brasileiras fazia-se mediante presentes e promessas de concessão de terras

As formas de conquista e dominação dos índios estavam condicionadas às possibilidades de submissão ao modelo político e econômico do Império. No início do governo imperial a política adotada para os considerados índios arredios era a utilização de meios violentos, como perseguição e castigo. No caso dos indígenas “amigos da civilização”, eram favorecidos com concessões e projetos particulares (VASCONCELOS, 1999, p.44).

Essas correntes continuaram presentes no século XIX – a que defendia meios violentos e outros meios humanísticos -, como a forma mais adequada de civilizar o índio. Tomo como exemplo a desintegração do aldeamento Bom Conselho, composto por índios Kinikinau, o aldeamento cumprira a sua função e os índios “domesticados” já estavam preparados para servirem à sociedade. A Lei 601, de 18/9/1850, chamada Lei de Terra, autorizou a reservas de terras para a colonização e aldeamento de indígenas considerados selvagens.

No mapa População Indígena da Província de Mato Grosso, da Secretaria do Governo da Província de Mato Grosso, em 3 de maio de 1849, elaborado por Joaquim de Almeida Louzada, são identificados os Guaná, subdivididos entre os grupos Cadiués,

Beaqueos, Catoguéos, Kinikináos, Terenas e Layanas, localizados nas imediações dos rios Paraguai, Mondengo e Cuiabá, com uma população de 5.030 pessoas.

Em 1830 o governo brasileiro recebeu queixas do seu vizinho, Paraguai, sobre roubos praticados pelos indígenas da nação Laiana (VASCONCELOS, 1999). O conselheiro João Cardoso de Melo Meneses e Sousa apresentou projeto de colonização para solucionar as questões sociais do império. A estratégia de colonização dos indígenas de Joaquim Galdino Pimentel, nomeado presidente da província do Mato Grosso, em 1885, consistia em enviar aos aldeamentos forças militares compostas por índios do próprio povo já “civilizados” (SOUZA apud VASCONCELOS, 1999, p.117).

Com a criação da Comissão construtora de linhas telegráficas, em 1888, o governo imperial tinha como objetivo manter a segurança e o desenvolvimento das regiões mais distantes, sonho que se arrastava desde a Guerra do Paraguai. No início do século XX outras linhas telegráficas foram instaladas. Como membro da comissão estava o alferes-aluno Cândido Mariano da Silva Rondon que junto com seus companheiros recrutava índios para o trabalho, sendo que ao mesmo tempo denunciava a invasão das terras indígenas pelos fazendeiros (VASCONCELOS, 1999).

Em 1892 foi criada a Diretoria de Obras Públicas, Terras, Minas e Colonização, que se encarregou de elaborar projetos de colonização. Foram criadas as Leis número 102, de 10 de julho de 1895, número 149, de 14 de abril de 1896, e a de número 488, de 9 de outubro de 1907, que, segundo a análise de Alves de Vasconcelos, além de possibilitaram a venda de terras por “preços irrisórios, estas leis concederam terras gratuitas a imigrantes nacionais e internacionais”. As terras consideradas devolutas significavam “aquelas que não estão aplicadas a algum uso público federal, estadual ou

municipal; e as que não se acham no domínio particular por título legítimo (ALBUM GRAFI, 1914, p.167), ficaram sujeitas à apropriação por particulares”.

Vasconcelos (1999, p.125) constatou em análise feita sobre a legislação indigenista do século XIX e sua aplicação e consequência, a orientação de duas correntes.

Assim escreveu:

Num extremo, a corrente defensora do uso da força como medida eficaz para chamar o índio à civilização, que teve Varnhagem como defensor radical, apoiado pela legislação colonial promulgada por D. João VI; noutro, a partidária dos métodos brandos como única saída para o mesmo fim, cujo tutor foi José Bonifácio

A política integracionista perdurou, oficialmente, no Brasil, até a promulgação da Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988. Até esta data, a política indigenista, de acordo com as Constituições de 1934, 1946, 1967 e 1969, também, tinha a finalidade de promover a incorporação dos índios à comunhão nacional. Esta orientação estava associada à relativa incapacidade dos índios, inscrita no Código Civil brasileiro. A Lei 6.001 do Estatuto do Índio, de 1973, declara no Artigo 1º: “Esta Lei regula a situação jurídica dos índios ou silvícolas e das comunidades indígenas, com o propósito de preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional” (CUNHA, 1987, p.216).

No campo acadêmico, essa lógica foi seguida por alguns pesquisadores e estudiosos. Destaca-se, nesse contexto, a pesquisa de Cardoso de Oliveira sobre os Terena, inserida no arcabouço teórico da aculturação. Referindo-se ao autor, Andrey (2002, p.93) Ferreira afirma que o “seu primeiro livro sobre os Terena (O Processo de Assimilação) foi o resultado da sua inserção no SPI e de suas relações com o Museu Nacional (então incorporado à Universidade do Brasil)”. Sobre a teoria da aculturação elaborada por pesquisadores que estudaram sobre os Terena, Andrey Ferreira (2002) questiona o fato de,

enquanto os pesquisadores elaboravam estudos e identificavam o povo Terena como em estágio avançado de aculturação, eram partícipes e formuladores da política indigenista oficial e executavam os projetos assistenciais e de desenvolvimento econômico.

Com a promulgação da atual Constituição Federal, muda, oficialmente, a relação do Estado brasileiro com as populações indígenas, assegurado especialmente no Capítulo VIII, artigos 231 e 232. O Artigo 231 reconhece:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988, p.130).

Pela primeira vez, em nível institucional, os povos garantem a autonomia das suas formas de organização social, culturas e tradições. Apesar da garantia constitucional, esta ainda não foi regulamentada pelo Congresso Nacional. Desde 1991, tramita no Congresso Nacional o Projeto de Lei 2.057, que dispõe sobre o Estatuto das Sociedades Indígenas (FEITOSA, 2004).

Após um processo longo de depopulação, a partir da década de 1980, os povos indígenas retomam o crescimento populacional e a afirmação da identidade étnica (OLIVEIRA, 1999). Para Feitosa, a população indígena no Brasil está em cerca de 751 mil pessoas, segundo dados do Censo 2001 – IBGE⁵ - pertencentes a 235 etnias. Desse total, mais 40% vivem fora de seus territórios tradicionais, principalmente, localizados nas periferias das grandes cidades.

A criação do Serviço de Proteção ao Índio – SPI, em 1910, propiciou ao estado brasileiro ter, em nível internacional, uma imagem de protetor das nações indígenas.

⁵ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Entretanto, internamente, com a criação das reservas, possibilitou que as frentes de colonização e expansão econômica avançassem sobre os territórios indígenas - Lei 601, de 18.09.1850 (CUNHA, 1987).

Durante os cinco séculos, de diferentes maneiras e em diferentes períodos, as forças econômicas expulsaram a população nativa e se apropriaram e exploraram a riqueza, a exemplo das atividades de extração de borracha, madeira, a construção de rodovias, hidrelétricas, a produção de grãos e pecuária. Depois de 1850 as terras indígenas foram consideradas devolutas para atender à lógica expansionista, sendo os territórios indígenas repassados para os municípios e transferidos através de títulos para particulares.

Entretanto, contrariando a lógica integracionista da política indigenista oficial – a perspectiva de redução e extinção -, os povos indígenas, afirmam-se no cenário nacional e internacional, tanto no crescimento populacional quanto estruturando organizações internas, reconstruindo a identidade étnica e buscaram novas formas de articulação interétnica. A partir desse processo, a quantidade de povos e a população não pararam de crescer (OLIVEIRA, 1999).

Durante a abertura política, no Brasil, a partir da década de 1970, os movimentos sociais, organizações populares e partidos de esquerda começaram a se fortalecer e ter papel importante na reconstrução da democracia. Neste contexto, com o apoio da Igreja Católica, organizações da sociedade e professores universitários, os povos indígenas fortaleceram suas organizações e articulação interétnica, a exemplo da realização da Primeira Conferência Internacional dos Povos Indígenas, em Port Alberni, Colúmbia Britânica, Canadá, de 27 a 31 de outubro de 1975. Em nível nacional e regional, realizaram grandes assembléias e mobilizações em defesa da terra e dos direitos. O líder Guarani-

Nhandeva, Marçal de Souza, em 1980, por ocasião da visita do papa João Paulo II ao Brasil, assim se expressou:

Nossas terras são invadidas, nossas terras são tomadas, nossos territórios são invadidos... Dizem que o Brasil foi descoberto; o Brasil não foi descoberto não, Santo Padre. O Brasil foi invadido e tomado dos indígenas do Brasil. Essa é a verdadeira história (CIMI, 2001, p.5).

Outro período importante foi a participação no processo constituinte de 1988, culminando com a garantia dos direitos constitucionais (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988).

1.3 HISTÓRICO DA ALDEIA TERERÉ

A Aldeia Tereré foi criada em 1980, através da doação de 10 hectares de terra feita em 1912 por Sidrônio Antunes de Andrade, fundador e primeiro prefeito de Sidrolândia, ao índio Joaquim Loureiro Figueiredo, pelos serviços prestados na época da fundação de Sidrolândia. João Batista Figueiredo, filho de Joaquim Loureiro Figueiredo, foi escolhido como primeiro cacique da Aldeia Tereré a partir de 1980 quando a aldeia foi oficializada pela FUNAI como terra indígena e exerceu o mandato de cacique por 18 anos. Esta área possuía uma vegetação repleta de guavira e cerrado.

A idéia de constituir a Aldeia Tereré iniciou com alguns índios da Aldeia Buriti que pensavam em trazer seus filhos mais próximos de Sidrolândia para poderem estudar. Na aldeia Tereré o espaço é insuficiente. Não é possível realizar o plantio de milho, mandioca e/ou outros produtos importantes para a sobrevivência dos moradores, por esse motivo, a maior parte dos produtos que utilizam na alimentação é comprado no

comércio urbano. Isso foi constatado através da fala do ex-cacique da aldeia Sebastião Figueiredo:

Aqui a gente produz algumas ramas de mandioca, alguns pés de mamão, alguma verdura, mas não é possível dividir entre todos os membros da comunidade indígena, porque o quintal é pequeno, por isso cada família é dona do que produz, temos alguns animais: gato e cachorro, galinha não temos é mais difícil para cuidar.

O cacique atual Valcélcio Figueiredo, de acordo com a entrevista realizada no dia 18/10/06, também expõe este problema da seguinte forma:

devido ao aumento da população, tem ocorrido a falta de espaço para o plantio e manejo da terra, mas é possível observar algumas plantações de mandioca, cana, banana, abacaxi, verdura, etc. As mulheres terena, no passado faziam artesanatos, o mesmo não ocorre atualmente, devido à falta de matéria – prima. Caso venham resgatar a cultura e produzirem é necessário trazer de outros locais a argila.

As dificuldades em relação à falta de espaço inibem as atividades dos idosos que são aposentados e que têm o hábito de trabalhar no cultivo da terra, parte integrante e essencial da vida deles. Através dos relatos e falas sobre a falta de espaço para o plantio foi possível apreender que esta insuficiência interfere na manutenção de seu modelo cultural, uma vez que o idoso tenta ensinar ao neto e bisneto como trabalhar na roça, mas sem a esperança de um resultado positivo, então, como disse o cacique o investimento deles agora deve ser numa educação de qualidade para suas crianças, para os jovens e para todos aqueles que ainda querem disputar no mercado de trabalho de igual para igual com o não-índio. Com os recursos naturais cada vez mais comprometidos, a qualidade de vida dos índios da Aldeia Tereré não será a mesma do passado, ou seja, na época em que viviam em grandes áreas com recursos hídricos, fauna e flora abundantes.

Atualmente com a inserção da mulher indígena no mercado de trabalho, o índio terena pode permanecer com seus familiares na aldeia e trabalhar nas fábricas próximas ao município de Sidrolândia. Segundo o relato de uma indígena, de 25 anos, residente na aldeia, muitos são as índias entre 18 a 45 anos que trabalham nas fábricas locais, divididas entre as indústrias de lingerie TIP TOP e a FAEL. Quanto aos homens da Aldeia Tereré, muitos trabalham na indústria Seara (6 KM da aldeia) desempenhando serviço pesado.

De acordo com a fala do cacique Valcélvio Figueiredo a ausência do registro de pessoas com mais de 50 anos no ano de 2006, é porque estão incluídas no número de aposentadas e nesta tabela constam além das crianças e jovens, os adultos que estão na ativa. Outro fator que foi observado no ano de 2006 é a quantidade de mulheres gestantes, no total de 12, sendo elas mulheres brancas⁶ e indígenas.

Os idosos são tratados com muito respeito, isto me leva a compreender que toda a comunidade vê no idoso a confirmação da mitologia indígena que Berger e Luckmann (2004) definem como sendo a forma mais antiga de conservação de universo, pois a mitologia é uma concepção da realidade que requer a contínua aquisição do mundo da experiência cotidiana através das energias sagradas. Os idosos são responsáveis pela socialização, preservação e transmissão dos hábitos e costumes às crianças da Aldeia Tereré através da educação indígena para que mantenham todas as manifestações históricas com aspectos próprios da etnia Terena repleta dos valores da cultura deste povo.

Para o cacique, o objetivo da aldeia é criar condições de vida e cidadania para a comunidade e a manutenção das tradições através da dança do bate-pau exclusiva dos homens e a dança da *sipultrema*, dança exclusiva das mulheres. Ele salientou que a cidadania se dá por meio do lazer, do esporte e do trabalho. De acordo com a afirmação do

⁶ Mulheres brancas: não-índias casadas com índios Terena, com direito a permanecerem na aldeia.

cacique entendo que é prioridade para os índios Terenas o bem-estar social, a saúde e o trabalho como meio de sustento pois, eles possuem a concepção do viver bem e não a visão capitalista do não-índio.

Os índios que formam a Aldeia Tereré são oriundos da Aldeia Buriti, de onde vieram os seus fundadores os descendentes da família Figueiredo, vieram os índios da família Gonçalves e família Batista; Aldeia Barreirinha de onde vieram os descendentes da família Rodrigues; Aldeia Recanto, de onde vieram os descendentes da família Santana. Há ainda famílias originárias das Aldeias: Lagoinha, Córrego do Meio e Bananal. Há registros de famílias que moraram na aldeia, cujos nomes são: Gabriel, Custódio e Clementino.

A aldeia conta hoje com 100 casas, possuindo em seu espaço a seguinte infraestrutura: Posto de Saúde com atendimento médico e odontológico; Posto da FUNAI; Escola; Casa de Cultura; Capelas da Igreja Católica em número de duas, sendo uma referente ao padroeiro do município Nossa Senhora da Abadia e outra referente ao padroeiro da aldeia São João Batista, estas duas capelas estão localizadas ao leste da Aldeia. Ao oeste da aldeia estão localizadas as duas Igrejas Evangélicas sendo Uniedas e a Igreja Cristã do Brasil.

Quanto à vida religiosa da Aldeia Tereré dividem-se, em católicos e evangélicos podendo encontrar na mesma família pessoas das duas religiões. Segundo a fala da índia terena com 76 anos falante da língua terena, em datas importantes o bispo se faz presente e orienta os mais velhos, falarem em língua terena com as crianças menores para elas aprenderem. Não foi possível constatar se eles são assíduos às celebrações e cultos religiosos e se fazem suas opções religiosas por livre arbítrio.

As igrejas situadas na aldeia fazem a articulação segundo os princípios do não-índio, mas que ao mesmo tempo precisam rever seus significados e reorganizá-los para haver uma negociação amistosa com o índio da Aldeia Tereré, até porque a abertura deste espaço foi concedida pela liderança e na opinião do índio Terena eles precisam de pessoas que venham “somar, ajudar e melhorar as condições de vida deles”. Na época da colonização a Igreja Católica impunha sua linguagem e seus hábitos cerimoniais, atualmente, ela incentiva o índio idoso da aldeia, através dos padres e bispos a manterem sua cultura, principalmente no sentido de ensinarem as crianças a falar a língua terena para que a mesma não desapareça.

Sganzerla (2002) afirma que o índio terena é muito dócil e acata com facilidade todo valor religioso, mas também com facilidade deixa a estrutura externa e volta ao seu original. Na entrada da Aldeia está o Campo de Futebol, ele mantém-se sempre verde e bem conservado, neste espaço crianças e adolescentes jogam futebol, os homens utilizam - no quando treinam entre eles mesmos ou quando há disputa com outros times. Em entrevista realizada no dia 18/10/06 as mães L. e M., selecionadas por indicação do capitão Valcélvio Figueiredo, afirmam que as meninas também brincam de futebol, pode ser junto com os meninos ou separado, é conveniente segundo elas que os adultos estejam por perto observando quando o jogo é misto.

Em minhas investigações entendi que durante o jogo misto é necessário que os adultos estejam atentos para que não haja desentendimentos entre meninos e meninas, pois eles precisam brincar em harmonia, considerando que os meninos têm mais força física, ou seja, mais resistências para jogar e podem machucar as meninas.

Os jovens da Aldeia Tereré estudam nas escolas próximas da Aldeia, tendo a maioria deles o ensino fundamental, enquanto que poucos possuem o ensino médio. Há

porém dentro da Aldeia estudantes de curso superior que estudam na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul no Campus de Maracaju e são atendidos pelo Programa Rede de Saberes.⁷ A escola localizada na Aldeia Tereré é denominada: Escola João Batista Figueiredo com atendimento de primeira à quarta série com a quantidade de 83 alunos e a escola que atende a comunidade fora da Aldeia é a Escola Estadual Sidrônio Antunes de Andrade.

A educação escolar existente na aldeia é um instrumento que permite aos índios manter a consciência de pertença étnica, faço essa inferência a partir dos depoimentos mas requerem maiores estudos. Enquanto a educação indígena valoriza alteridade de cada família dentro da aldeia com seu modo de viver. Esta educação indígena é considerada um dos métodos mais eficientes, inclusive por Melià (1997) pois ela garante a sobrevivência de um povo em uma realidade em que perduram os interesses hegemônicos.

De acordo com o depoimento do cacique há um bom relacionamento entre a comunidade, ou seja, entre os membros da liderança e a prefeitura de Sidrolândia. Percebi pela fala dele que é muito importante a participação ou manifestação do cacique durante as campanhas políticas, pois sua função na aldeia também é política, embora não haja sigla partidária. Antigamente, o cargo de cacique era feito por meio da herança familiar, o filho do cacique seria o futuro cacique, atualmente a escolha é feita através de eleição e o

⁷ Projeto realizado entre a Universidade Católica Dom Bosco e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul com apoio financeiro da Fundação Ford. Esse projeto atende atualmente estudantes indígenas que cursam o 3º grau, na UCDB e UEMS. Seu objetivo é desenvolver ações de apoio aos alunos indígenas em sua trajetória acadêmica. Para isso, além de criar no interior das universidades envolvidas (UCDB e UEMS) espaços estruturas de apoio, promove debates, cursos e outras iniciativas que fortaleçam a presença indígena na academia.

cargo é compatível com o mandato do prefeito, perfazendo o total de 4 anos. Este período foi estabelecido pelo consenso entre a comunidade e a liderança da aldeia.

A autonomia e a visão política das lideranças fazem com que eles reivindiquem melhores condições de vida junto aos representantes políticos, a Aldeia, à primeira vista causa um impacto em quem a visita, pelas suas construções, dando a impressão de que trata-se de um bairro urbano e que em pouco tempo terá toda a infraestrutura necessária para ser idêntico aos demais bairros.

Com todos estes desafios, a população dos índios Terena vem aumentando gradativamente, sendo cada vez mais necessário um investimento por parte dos governos estadual e federal concernente à educação e saúde. O processo de hibridação⁸ constante pela qual o índio Terena da Aldeia Tereré vem passando soma-se à resistência e ousadia Terena, comprovada nos momentos mais importantes de sua história, graças a sua autoestima, resultante de sua habilidade e perspicácia para conquistar direitos e espaços dentro de suas comunidades e na sociedade brasileira. Os índios Terena da Aldeia Tereré são extrovertidos e comunicativos, estão sempre alegres e demonstram satisfação quando alcançam seus objetivos, a cada conquista obtida, ela é divulgada dentro e fora da área indígena, apresentando-se como referência de organização social para as outras comunidades e povos indígenas.

Para a população Terena um fenômeno muito forte é formado pelo comando do cacique, que é símbolo de unidade. Na comunidade Terena, a presença do pajé em todos os atos é importante, pois ele é responsável pela contemplação espiritual da aldeia. Assim as crianças desde cedo são levadas ao pajé para receberem proteção contra os perigos. O pajé

⁸ Conceituo hibridação partindo de Canclini, que a define da seguinte forma: “hibridação são processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (2003, p.19).

exerce uma influência muito forte em toda a aldeia, pois ele ensina o bem, zela pelo seu povo para que tenha boa vida. Nessa mesma linha de pensar são colocados também a figura dos mais velhos, do pai de família, isto é, aqueles que de uma forma ou de outra são veteranos que trazem em sua vida o patrimônio da cultura e tradição de ser Terena.

Neste mesmo sentido a coordenação política das aldeias é representada pelo cacique, na segurança e na idéia de pertença. O cacique é a figura básica no destino da formação da aldeia, pois sua voz é o comando até na escola. A razão está na consciência de valores que o povo traz em sua herança e gosta de ter viva esta sua identidade. A natureza de ser cacique, a criança Terena aprende desde pequena, a partir da experiência visível.

Os mandatos dos caciques ocorridos desde a fundação da Aldeia Tereré até o ano 2006 estão na seguinte sequência:

- 1 - João Figueiredo Filho (18 anos de mandato)
- 2- Sebastião Pereira Figueiredo (2 anos)
- 3- Maioque Rodrigues (2 anos)
- 4- Sebastião Alves Figueiredo (8 meses)
- 5- Valcélvio Figueiredo (cargo de 4 anos – com mandato de 1 ano e 6 meses)

1.4 - O TERENA DA ALDEIA TERERÉ E A PEDAGOGIA INDÍGENA

A pedagogia indígena, utilizado pelos índios Terena é uma prática tradicional que chama atenção não só dos pesquisadores envolvidos na educação, mas de todos os estudiosos que penetram no mundo da antropologia. Dentro da cultura Terena, a pedagogia indígena ocupa um lugar de destaque, com base, na valorização dedicada à criança.

A educação Terena é algo ainda pouco conhecido e fora do alcance dos modernos sistemas, ela parte da vida, passa pelo viver e ensina a viver. Não é intelectual, é experimental, tradicional e se prolonga por toda a vida. O ensino não é marcado pelas etapas, vai pelo viver da pessoa desde que nasce até que morre (SGANZERLA, 2004).

A cultura do povo Terena na formação de seus filhos tem características próprias de identidade e com isso segue um sistema diferenciado de nosso processo educacional.

A pedagogia indígena é preservada sem que haja a necessidade de legislação. É a partir da perspectiva da pedagogia indígena,

Que a criança aprende experimentando, vivendo o dia a dia da aldeia e, acima de tudo, acompanhando a vida dos mais velhos, imitando, criando, inventando, sendo que o ambiente familiar, composto pelo grupo de parentesco, oferece a liberdade e a autonomia necessárias para esse experimentar e criar infantil. Essa liberdade engloba o 'acesso aos diferentes lugares e às diferentes pessoas, às várias atividades domésticas, educacionais e rituais, enfim, a quase tudo o que acontece à sua volta' (NUNES, 2002, p. 71).

Isso pode ser explicado, porque o modo de educar se processa a partir de três entidades interligadas: a família, a chefia ou cacicagem e a escola. Nesse sentido, demonstra que a pedagogia Terena desenvolve o respeito de todos os membros da aldeia em todos os espaços que ela frequenta sem sofrer coerção ou punição da parte dos adultos.

Sganzerla (2002) , nas pesquisas realizadas com o Povo Terena argumenta que este povo tem uma vida de relacionamento sensível, principalmente com as crianças e trata-as com um carinho especial. Deixando transparecer aos outros povos sua organização interna e a união de um povo.

A Aldeia Tereré ainda conserva na família a missão de ensinar, pois “é pela socialização na família que a criança torna-se membro da sociedade”. (BERGER E

LUCKMANN, 2004, p.178). Para o capitão Valcélcio Figueiredo “a família é a soma de ensinar e a aprender a vida. O primeiro passo é da mãe. Daí, a criança cria a formação do jeito Terena junto com a comunidade, isso acontece porque a criança nossa é criada no ambiente que ela vive”. De acordo com Cohn (2002, p. 72):

As crianças, nos primeiros anos de sua vida, “vivem uma permissividade quase sem limites, são onipresentes na aldeia e nas áreas circundantes, e punições quase não acontecem”. Essa “aparente desordem” ou, “ordem vivida de outro modo, imersa num espírito lúdico, espontâneo e sem compromisso” é que estaria “no cerne de todo o processo educacional” indígena.

Para o povo Terena, principalmente da Aldeia Tereré, é esse compromisso que a família tem ao educar a criança desde o berço e obedecendo aos rituais constituídos pela natureza vinda de Deus. O silêncio e a interioridade são conseqüências de ouvir o além, o mistério e a imaginação infantil. Assim o Terena aprende mais no silêncio e quando fala, não diz verbalmente o essencial, pois ele é entendido por quem tem a sabedoria do silêncio. Segundo a fala da índia Terena G. de 76 anos, “as crianças fala pouco, mais ouve muito”. Isso é importante, porque o essencial está além das formas delimitadas da linguagem para o povo Terena.

Para a comunidade da Aldeia Tereré, o grande livro da vida Terena nunca foi escrito. Pois, segundo o capitão V.F. “ele nunca será escrito, pois compreende toda a experiência vivida e falada”.

CAPÍTULO II - A PERCEPÇÃO DOS ADULTOS E O COTIDIANO DA CRIANÇA TERENA DA ALDEIA TERERÉ

2.1. A VISÃO CONCEITUAL DA COMUNIDADE INDÍGENA DA ALDEIA TERERÉ

Cada vez mais os índios da Aldeia Tereré tornam-se conscientes da necessidade de preservarem a sua cultura nos diversos aspectos, sem ignorar a presença do não-índio, mas mantendo a sua alteridade enquanto etnia indígena. Neste contexto a cultura terena é desenvolvida por sinais, por símbolos, marcada por momentos especiais nas festividades e comemorações, onde os chefes e entendidos utilizam para comunicar os valores desta cultura ao seu povo. Cultura na concepção da comunidade indígena Tereré é uma soma de valores de viver, ela é parte integrante da vida, não está nos manuais e nem sequer nos livros escritos por outras pessoas. O índio terena vive no respeito e não na degradação, não condiz com a sua cultura deixar atrás de si um deserto, porque a mãe natureza faz parte de seu viver. Os povos indígenas não só preservam a natureza, como também encontraram formas diferenciadas de sobrevivência. Os índios da aldeia Tereré não assimilam por completo a cultura do não-índio, pois eles não perderam as características próprias de sua etnia, eles mantêm alguns hábitos e costumes de seus antepassados. Recorro a Melià(1997, p.21-22) que enfatiza:

Os povos indígenas mantiveram sua alteridade graças a estratégias próprias, das quais foi precisamente a ação pedagógica. Em outros termos: continuou havendo nesses povos uma educação indígena

que permite que o modo de ser e a cultura venha a se produzir nas novas gerações, e também encare, com relativo sucesso, situações novas.

Por se tratar de culturas diferentes, o colonizador que assume o papel de dominador, passa a cognominar o índio de: preguiçoso e desinteressado. Estes estigmas se transformam em estereótipos que excluem o índio do contexto social do não-índio sem perceber que as comunidades indígenas possuem maneiras próprias e específicas para socializar seus membros, crianças e jovens dentro dos padrões da cultura tradicional. Atualmente, a Aldeia Tereré nos remete à defini-la como um mosaico de culturas, construindo um painel, onde as culturas se cruzam, cujas fronteiras são líquidas e elásticas pela forma que ocorrem os casamentos, o lazer, a política formando a interculturalidade. Nesta perspectiva, é possível pensar uma proposta que vem de encontro à dissolução do projeto colonialista.

Através do contato mantido com os índios da Aldeia Tereré foi possível perceber que a autonomia e a visão política das lideranças indígenas fazem com que eles reivindiquem melhores condições de vida junto aos representantes políticos, a Aldeia, à primeira vista causa um impacto em quem a visita, pelas suas construções, dando a impressão de que trata-se de um bairro urbano e que em pouco tempo terá toda a infraestrutura necessária para ser idêntico aos demais bairros, no entanto no seu interior, há a comprovação de que a forma de vida, a educação das crianças e o convívio com os mais velhos ocorrem de forma diferenciada da cultura do não-índio, em face disto: definir, determinar, conceituar ou criticar uma cultura, considerando-a válida ou não, é algo de grande complexidade, porque cada pessoa, cada grupo, cada comunidade possui uma concepção diferente e os paradigmas do passado não são condizentes na atual conjuntura,

para estabelecerem normas que sirvam de suporte para determinar o que é certo ou errado.

Tomo como exemplo os depoimentos feitos pelas mães indicadas pelo cacique, que as crianças de 0 a 6 anos apresentam um certo receio ao serem convidadas para irem ao cemitério, por acreditarem que o morto volta à noite para amedrontá-las. As mães, por sua vez respeitam a vontade das crianças, não as obrigando a fazerem a visita ao cemitério. No imaginário do povo Terena da Aldeia Tereré as pessoas falecidas exercem uma influência espiritual sobre os vivos, não me aprofundei nos detalhes, pois a sua origem está vinculada à crença de sua cultura.

A definição de cultura envolve uma análise a ser feita através da luta de classes, ou seja, a classe dominante e a classe dominada; neste impasse é possível conceituar as diferenças de gênero, de etnia, de crença, e de tantas outras categorias. A cultura por outro lado estabelece as relações que são mediadas pelo poder. A partir desta visão, como são mediadas as relações de poder na Aldeia Tereré? Como possibilitar o diálogo entre os índios da Aldeia Tereré e o seu entorno? A cultura estabelece tudo não só na vida do índio da Aldeia Tereré, mas na vida de todo cidadão onde impõe regras de negociação, esta negociação ocorre na Aldeia de que forma? Como o índio da Aldeia Tereré negocia consigo mesmo? Com o outro? Com a natureza? E com a transcendência?

É na construção desta teoria, a empiria leva-me a constatar: os índios, que sobreviveram aos massacres, desde o princípio sabiam que a cultura do colonizador era diferente da sua, e o aprendizado de seus filhos deveria ser feito pela comunidade indígena. A princípio quando índio e colonizadores se depararam houve um intercâmbio cultural, mas com a seguinte negociação: a cultura européia não foi assimilada na íntegra e nem o índio abdicou de sua cultura. Sem modificar ou alterar esta idéia desde o século XVI, a

oferta de programas de educação escolar às comunidades indígenas no Brasil esteve pautada pela catequização, civilização e integração forçada dos índios à sociedade nacional, com caráter de negação das diferenças, fazendo com que assimilassem uma outra identidade – a dos seus colonizadores e catequizadores. Nesse processo, a instituição da escola entre os grupos indígenas serviu como instrumento de imposição de valores alheios à sua cultura e de negação de sua identidade. Como recuperar as inúmeras perdas que tiveram os povos indígenas do Brasil?

A educação escolar indígena surge pela interferência e pelo contato do não-índio, mas exclusivamente pelo contato. Por um lado a educação nacional vê a alfabetização, como um fator indispensável para dar educação ao índio por ser considerado ágrafo e sem cultura. Enquanto o índio tem a alfabetização como uma técnica suplementar que resolverá os problemas advindos do contato, aceitando a alfabetização sem deixar ser assimilado. As crianças indígenas chegam à escola com sua cultura e com o processo de aprendizagem próprio de sua etnia que segundo Melià (1978, p.10):

A cultura indígena é ensinada e aprendida em termos de socialização integrante. Então não há um período determinado como o nosso para aprender, a aprendizagem ocorre o tempo todo. Enquanto na nossa sociedade nós nos preocupamos em adquirir bens e armazenar mercadorias, o índio por sua vez trabalha para viver.

Esta citação levou-me a remetê-la ao cotidiano da Aldeia Tereré, onde a cultura indígena é aprendida no dia-a-dia das crianças com os adultos.

A presença da escola na Aldeia Tereré não é diferente, de acordo com a fala dos entrevistados a escola cumpre seu papel cultural, pois as crianças já crescem na cultura Terena. Com isso somam - se as experiências dos pais e a formação dos filhos. As crianças até os seus dez anos estão recebendo uma formação Terena na sua língua. Os pais da

comunidade da Aldeia Tereré ao enviar seus filhos para a escola esperam que as crianças aprendam a ler e a escrever, aprendam mais e tenham uma boa educação, com qualidade, adquirindo o conhecimento, esperam que as professoras ensinem bem, esperam a melhoria da escola e conforto para as crianças. Bem como, que as crianças aprendam a respeitar as professoras, os mais velhos e principalmente os pais.

As metodologias utilizadas na educação escolar indígena da aldeia Tereré, são baseadas nas formas de ensinar do não-índio que segundo a opinião da comunidade não atendem a todas as expectativas, mas torna o índio em condições de igualdade com o não-índio. Segundo a fala do ex-cacique: S. F.: “Nós não temos como deixar de ser índio, temos que aprender com os brancos a cultura deles”. Desta forma, os índios passam constantemente por um processo de ressignificação dentro do dinamismo de sua cultura, reiventando e reorganizando aquilo que está posto, de maneira que se torne um organismo vivo.

Na concepção dos membros da Aldeia Tereré com os quais entrei em contato, a definição de educação para eles, são os valores originários da família. Pela fala da liderança foi possível detectar que a família, na aldeia é a que educa primeiro, dentro dos padrões culturais da etnia. E a educação escolar como é vista por eles? Através da fala da liderança foi dito que a educação é uma continuidade, passa pelos mais velhos e por último a escola, mesmo assim, a escola deve exercer o papel de ensinar visando não apenas a cultura do não-índio, mas inserindo em seu currículo uma educação diferenciada , principalmente nas séries iniciais.

2.2 A DEFINIÇÃO DE INFÂNCIA PELA SOCIEDADE NÃO-INDÍGENA

A palavra infância, como afirma Narodowski (1994, p.24), é o “*suposto universal da ação e da produção pedagógica*”, porém a mesma pedagogia que proclamará um “*conceito moderno de infância*”, contraditoriamente abstrairá as características históricas do desenvolvimento humano. A Pedagogia diferente de outros campos teóricos, tais como: a Medicina ou a Psicologia (onde a infância é vista em suas dimensões gerais como um momento particular do ciclo vital), vai elaborar uma análise particular da infância em situação escolar, e estabelece um recorte específico, a partir do qual busca identificar padrões de normalidade quanto ao desempenho das crianças e estabelecer regularidades para a orientação da prática dos educadores. Ao considerar-se a criança como um ser biológico que percorre etapas etariamente definidas, encobre-se sua vinculação social e histórica e toma-se o que é particular pelo universal.

A delimitação da infância, que, como muito já foi dito, tem se dado predominantemente por um recorte etário definido por oposição ao adulto, pela falta de idade, pela imaturidade ou pela inadequada integração social, será contestada, principalmente no final deste século, pela negação ao estabelecimento de padrões de homogeneidade indicados pelos campos da sociologia e da antropologia, articulados com algumas abordagens da psicologia, que apontam como necessidade, a adequação de projetos educativos a demandas diferenciadas. Pela via da contextualização, da heterogeneidade e da consideração das diferentes formas de inserção da criança na realidade, no mundo adulto, nas atividades cotidianas, nas brincadeiras e tarefas, delineia-se um conceito de infância, arrendatário de um novo tempo.

Hoje amplamente difundida, a obra de ARIÈS (1979) foi pioneira ao afirmar certas características históricas da infância, situando-a como produto da história moderna. Para ele, a “aparição da infância” se dá a partir do mercantilismo, quando altera-se o sentimento e as relações frente à infância, modificado conforme a própria estrutura social.

Antes vista com indiferença, a criança não era percebida com necessidades diferentes das do adulto. Os estudos recentes que se ocupam das imagens de infância burguesa mostram como se dão as transformações do sentimento moderno de infância e de família. Nascido no contexto burguês, este sentimento sustenta-se na mudança de inserção da criança na sociedade, que deixa de assumir um papel produtivo direto, passando a ser merecedora de cuidados e de educação desde o momento em que consegue sobreviver. Mudam significativamente as relações no meio social. Nasce então, um sentimento contraditório, que atribui à criança a ingenuidade e a inocência e, ao mesmo tempo, a imperfeição e a incompletude, transformando as atitudes sociais em proteção, ou em dedicação dos adultos com as crianças, que acabam por se refletirem como oposições fundamentais na orientação dos modos clássicos de inserção dos novos sujeitos à sociedade.

Segundo os estudos de Cerizara baseado na filosofia de Rousseau, define que:

Tanto o estudo da infância, cuja existência normatiza e nomeia, como a ação educativa aplicável a ela, por ele amplamente desenvolvida no *Émile*, podem efetuar-se de acordo com sua natureza. Cada idade, cada etapa da vida tem sua perfeição conveniente, a espécie de maturidade que lhe é própria. Esta afirmação, apesar de integrar um conjunto de máximas que em sua obra inauguram uma forma própria de pensar a educação da ‘criança da natureza’ pela natureza, não significa deixar a criança à própria sorte, evoluir espontaneamente. Esta leitura, geralmente feita por educadores, desconsidera outros aspectos de sua obra, que, mesmo sendo extremamente polêmica, exalta o papel do educador na condução das crianças, às quais deve orientar em direção ao que é original. (1990, p. 48).

Considerado por vários autores como autor da “*concepção motriz de toda racionalidade pedagógica moderna*”, Rousseau vê a infância como um momento onde se vê, se pensa e se sente o mundo de um modo próprio. Para ele a ação do educador, neste momento, deve ser uma ação natural, que leve em conta as peculiaridades da infância, a “ingenuidade e a inconsciência” que marcam a falta da ‘razão adulta’. (NARADOWSKI, 1994, p. 33-34).

Quase dois séculos depois de Rousseau instaurar sua concepção, Freinet, também francês, num contexto marcado pelo pós-guerra, vai resgatar a esperança na criança em fazer frente à corrupção adulta. Para Freinet pela educação será possível construir um novo amanhã, desde que as intervenções educativas se pautem nas “*virtualidades humanas*”. Virtualidades que estão originalmente presentes na infância (criação, invenção, empreendimento, liberdade e cooperação) e que potencialmente possibilitarão a construção de uma nova sociedade. (NASCIMENTO, 1995, p. 46).

Mesmo tendo sido Freinet um dos educadores modernos que mais se preocupou em vincular a escola à vida concreta dos alunos (pois só a vida educa), mesmo sendo pioneiro em exaltar a necessidade do respeito às condições sociais da criança e das diferenças daí decorrentes, não escapa ao conflito tradicional da intervenção pedagógica, cedendo à ideologia da preservação da infância e à proposta de manter as crianças afastadas da participação no mundo adulto.

Na pedagogia contemporânea, esta noção de “natureza infantil”, amplamente discutida a partir da obra de Bernard Charlot (1979), tem assumido estas mesmas dimensões contraditórias. Por um lado, sendo a criança naturalmente um ser complexo (fraco, inacabado, imperfeito, e desprovido de tudo), caberia à educação combater tal natureza, recusando os “interesses naturais”. A tarefa pedagógica consiste, neste caso, na

inculcação de regras, na disciplina e na transmissão de modelos. Noutra pólo, a idéia da preservação preocupa-se em não destruir a “inocência original”, protegendo sua natureza. Por isso, a ação do educador deveria guiar-se pelos interesses e necessidades infantis, por esta perspectiva, a pedagogia apenas traduz conceitos vindos da filosofia e elabora representações da infância com uma natureza contraditória: ao mesmo tempo inocente e má, imperfeita e perfeita, dependente e independente, herdeira e inovadora. Nos dois sentidos, ao ser identificada pelos critérios da insuficiência da razão e da experiência, e não pela afirmação de suas especificidades, a criança é vista como aquela que deve apenas ser guiada pelo adulto.

Desta forma a pedagogia acaba por elaborar significações da infância que tomam o conceito de natureza humana e associam-no a uma gênese original (natureza infantil), e a um processo “natural” de desenvolvimento, que seria impulso da própria natureza. Estabelece-se no ideário pedagógico um jogo de significações, inclusive no nível etimológico, que consolida uma concepção em torno da idéia de evolução natural. Para Charlot, a pedagogia (tradicional e nova) dissimula a “significação social da infância por trás da idéia de natureza humana” (1979, p.130). A criança não é vista como um ser social em desenvolvimento, nem pensada em termos das relações sociais que estabelece. Desconsiderando-se as desigualdades sociais, tem-se como consequência sua própria confirmação.

Nesta trajetória a infância tem permanecido como a mais duradoura das utopias concebidas pela modernidade, só sendo repensada mais contemporaneamente, como afirma Calligaris (1994, p.4-6):

Como tantos outros ideais imaginados nos últimos 200 anos, o do mundo maravilhoso das crianças também entra em crise na era pós-industrial e pós-moderna (...). Este tempo de separação da vida adulta, protegido pelo amor parental, miticamente feliz, surgiu em nossa cultura há apenas dois séculos, quando o individualismo triunfou no ocidente.

De lá para cá a situação social da infância mantém contornos extremos. O mito da infância feliz esbarra cotidianamente na violência, no abandono, no consumo infantil, no abuso sexual, etc. que desvelam outro lado do mundo infantil dos sonhos da humanidade, transformando-o “numa caricatura perversa do próprio mundo adulto”. (Calligaris, p. 6-4).

As marcas dos contextos sociais, sempre presentes, mas mascaradas pelas abordagens centradas no indivíduo, apresentam suas diferenças e imprimem novos contornos às “infâncias” da sociedade atual. A infância “burguesa” dos novos tempos, infância esta reinante nos estratos sociais médios, aquela mesma à qual se permitiu estender os anos de vida como criança num mundo protegido das preocupações, tem também, hoje, sua extensão cada vez mais encurtada. Com uma vida organizada basicamente em função das expectativas e pretensões dos adultos, a criança volta novamente a ser vista como “adulto em miniatura”.

Projetando na infância seus anseios, a sociedade acaba por manter-se ambivalente em seus projetos educativos calcados, em alguns momentos, na preservação de uma infância idealizada, em outros, no enquadramento em um mundo adulto. Na sociedade centrada no adulto, a criança é promessa e potencialidade, uma condição a ser ultrapassada, e o adulto educador se relaciona, portanto, com um futuro adulto e não com uma criança concreta. A infância idealizada pelo adulto chega a corresponder a uma mitificação.

No mundo moderno, a inocência infantil; vista como um momento de preservação; e a violência contra a criança (como reflexo de uma extrema imposição), convivem no mesmo espaço. O “direito” de compartilhar do mundo adulto representa de fato a própria ausência de direitos da criança, sobretudo da criança pobre. Com as crianças que têm sua infância furtada por condições de existência adversas ao mundo infantil do exercício do sonho e da liberdade, a sociedade compartilha as mazelas do capitalismo voraz: a miséria, a criminalidade e, na “melhor das hipóteses”, a inserção precoce no mundo do trabalho. De acordo com Dauster (1992, p.36):

O trabalho precoce produz uma passagem forçada à vida adulta que lembra o conceito de “infância curta” de Ariès, onde a criança passa sem transição para o mundo do trabalho e dos adultos. O êxito e o sucesso proclamados pela escola vem a ser associados a uma infância de “longa duração” e ao sentido da particularidade infantil e “a criança que estuda reedita a imagem da infância do Antigo Regime, mergulhada em uma sociabilidade densa.

A crítica à universalidade da infância, enraizada pela pedagogia, vai ser mais recentemente apontada por aqueles que enfatizaram e reconheceram a sua heterogeneidade, decorrendo em escolas pedagógicas que proclamam o respeito “às características propriamente infantis e às diferenças presentes nas diferentes idades ou etapas da mesma infância como parte dessas características” (Narodowski, 1994, p. 27). A incorporação deste mesmo conceito de “infância heterogênea”, indicado a partir da sociologia e da antropologia, passa a integrar mais recentemente, as diferentes áreas de conhecimento que se referem à infância, cada qual em seu âmbito, incluindo elementos relativos à diferença e à influência de contextos específicos na construção da diversidade, como afirmação positiva e contrária ao estabelecimento de padrões de normalidade.

Na contemporaneidade, os educadores precisam tomar consciência sobre a necessidade de um espaço que contemple todas as dimensões do humano, sem esquecer

que toda intervenção educativa (inevitável enquanto processo de constituição de novos sujeitos na cultura) mantém em si um movimento contraditório e dinâmico entre indivíduo e cultura, movimento este que precisa ser mantido sobre estreita vigilância por aqueles que se pretendem educadores, para evitar que se exacerbe o poder controlador das características hegemônicas da cultura em detrimento do exercício pleno das capacidades humanas, sobretudo a criação. Trata-se de orientar a ação pedagógica por olhares que contemplem sujeitos múltiplos e diversos, reconhecendo, sobretudo, a infância como “tempo de direitos”.

2.3 ASPECTOS DA SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA TERENA DA ALDEIA TERERÉ

Através dos estudos fundamentados em Berger Luckmann, constatei que toda criança passa pelo processo de socialização independente de sua classe social, os antropólogos, sociólogos e psicólogos enfatizam a socialização como uma fase de grande importância para formação da identidade do indivíduo.

Para Braghirolli (2002, p.61)

Chama-se socialização o processo pelo qual o indivíduo adquire os padrões de comportamento que são habituais e aceitáveis nos seus grupos sociais. Este processo de aprender a ser membro de uma família, de uma comunidade, de um grupo maior, começa na infância e perdura por toda a vida, fazendo com que as pessoas atuem, sintam e pensem de forma semelhante aos demais com quem convivem.

Sendo assim, a influência da cultura: conhecimentos, maneiras características de pensar e sentir, hábitos, metas, ideais, etc. da sociedade em que vive um indivíduo é enorme na formação de sua personalidade, em busca da formação identitária da criança Terena da Aldeia Tereré pesquisei a percepção que os adultos da comunidade indígena

Tereré possuem sobre a socialização das crianças indígenas que estão na faixa etária de 0 a 6 anos, nesta faixa etária elas aprendem a cultura Terena e praticam a socialização em interação com os seus familiares, com os idosos e com os demais membros da Aldeia. As crianças nesta fase de acordo com Berger e Luckmann (2004) estão na “socialização primária”, que é a primeira socialização que o indivíduo pratica na infância e através dessa experiência torna-se membro da sociedade a qual pertence. Esta socialização ocorre dentro de um grupo primário que caracteriza - se pela existência de laços afetivos íntimos e pessoais unindo seus membros, Braghirolli (2002, p.67) salienta que: “ a importância dos grupos primários reside principalmente no fato de se constituírem na fonte básica de aprendizagem de atitudes e a formação total de nossa personalidade.”

De acordo com a releitura que fiz sobre os estudos de Sganzerla (2002) posso afirmar que a comunidade indígena Terena possui uma forma viva de ensinar e aprender; o envolvimento de todos os membros nessa aprendizagem é parte integrante da socialização primária. Na Aldeia Tereré, as crianças são educadas com conselhos, pelos pais e mais velhos, sendo-lhes extremamente obedientes, isto não as impedem de serem desinibidas e espontâneas; conversam com todos os que se aproximam, são sorridentes e sentem-se à vontade para falar de assuntos do dia-a-dia.

Através das visitas realizadas na Terra Indígena da Aldeia Tereré com entrevistas entre os moradores e das leituras bibliográficas⁹ baseadas na história e organização social Terena, compreendi que a criança é o grande acontecimento, tudo gira em torno dela, desde que ela nasce até ser inserida na vida adulta. A população indígena da aldeia valoriza a criança enquanto está se desenvolvendo e acredita no potencial que ela possui para se desenvolver mais, seja em contato com os membros da Aldeia ou com o

⁹ VIEIRA (2004), SGANZERLA (2002), ACÇOLINI (1996), AZANHA (2003) e AZANHA (2005)

não-índio, pois segundo o cacique o que os identificam como índio é sua cultura e sua língua. Assim posso compreender que os índios Terena da Aldeia Tereré preservam sua identidade, pois, os limites valorativos não são ultrapassados, mesmo na situação de contato permanente com a população não-índia do entorno, isto faz com que eles mantenham sua identidade indígena, sobrevivendo em área fronteira. Aquilo que a criança apreende na Aldeia Tereré não é resultado de criações autônomas, mas começa de acordo com Berger e Luckmann (2004, p.174):

Com o fato do indivíduo “assumir” o mundo no qual os outros já vivem. Sem dúvida, este “assumir” em si mesmo constitui em certo sentido um processo original para cada organismo humano e o mundo, uma vez “assumido”, pode ser modificado de maneira criadora ou até recriado.

A criança da Aldeia Tereré identifica-se com os significativos de seu grupo por meio de diversos modos emocionais, ou seja, ela absorve os papéis e as atitudes dos outros significativos, interiorizando-os, tornando-os seus. Foi possível durante esta pesquisa assistir as danças: masculina e feminina das crianças e de acordo com o cacique elas aprenderam observando os adultos em suas apresentações. As crianças praticam outras atividades físicas e de lazer tais como: empinar pipas, andar de bicicleta, ou jogar bola. O ambiente engloba todas as experiências vividas pela criança e oriundas do meio que a cerca: a educação passada pelos mais velhos, a influência dos pais, a alimentação, as brincadeiras, as atividades esportivas que ajudam no desenvolvimento físico e mental.

Não será demais lembrar que o desenvolvimento físico não é isolado do desenvolvimento social, intelectual e emocional. Um desenvolvimento físico defeituoso pode afetar seriamente o autoconceito da criança e do adolescente e consequentemente marcar negativamente o desenvolvimento social e emocional. (BRAGHIROLI, 2002, p.155)

Segundo Lopes da Silva (2002, p.40-41) a corporalidade é entendida também como um dos mecanismos centrais dos processos de aprendizagem e transmissão de conhecimentos, habilidades, técnicas e concepções próprias à educação das crianças índias. Movimento, ação, sentidos, plástica e emoção combinam-se como “técnicas” ao mesmo tempo cognitivas e formadoras, em contextos sociais que vão desde as atividades corriqueiras da vida cotidiana até os momentos festivos dos grandes rituais estruturados simbolicamente. Podemos compreender, então, que a identidade e a subjetividade infantis constroem-se por meio de processos que se realizam em seus corpos e que sintetizam significações sociais, cosmológicas, psicológicas, emocionais e cognitivas. É necessário que se considere fatores gerais entre os indígenas:

Uma dupla atitude contraditória chama a atenção do observador de fora numa sociedade indígena: as crianças gozam de uma grande liberdade nos seus movimentos, fazendo o que bem querem, sem que os adultos se imponham a elas com contínuas admoestações ou proibições: por sua vez essas mesmas crianças não são motivos de aborrecimento aos pais ou aos outros membros da comunidade. (MELIÀ, 1978, p.19).

As famílias indígenas da Aldeia Tereré mostram que eles dão prioridade ao “cuidar e educar” as crianças, pois estas são reconhecidas como membros principais, em formação, dentro da comunidade. Utilizam o espaço da aldeia com segurança, de onde é possível inferir que elas são preparadas desde a mais tenra idade para exercerem sua autonomia enquanto criança em formação para tornar-se um legítimo índio adulto consciente de sua etnia indígena Terena, independente das circunstâncias em que esteja, mesmo que tenha a formação de doutor, presidente da República, como afirmou o cacique, “ele jamais irá se esquecer que é índio e terá muito orgulho disto”. Segundo a fala do cacique, os membros da aldeia afastam-se do convívio por motivo de trabalho, ou por não estarem satisfeitos com as normas internas, antes porém é verificado o motivo, estudado e

analisado em reunião com a liderança, no consenso final é dado todo o respaldo e segurança principalmente às mulheres grávidas, para garantir a chegada deste novo ser ao mundo.

O afastamento prematuro entre mãe e filho ou entre a criança e a comunidade indígena quebra uma inter-relação, ou seja, de acordo com Melià (1979, p. 28):

No primeiro período (de um a três anos) é, sobretudo, a comunidade a que atua sobre a criança, aprovando ou rechaçando suas atividades ou comunicando-lhe através de jogo e de exemplos das próprias atitudes e valores. Uma criança de três anos já sabe distribuir, entre os companheiros, o que tem, mas sem nunca ser obrigada ou pressionada pelo ambiente. De três a cinco anos, a criança constitui uma verdadeira mini-sociedade, onde a vida adulta é imitada em todas as atividades diárias, até as religiosas. A independência de movimentos dessa sociedade de crianças é notável. Mas os pais já começam a exigir deles alguns pequenos serviços, bem que excusas como cansaço, frio ou simplesmente não ter vontade, são todavia aceitas sem criar maior problema.

O povo Terena segundo Sganzerla (2004) mantém os traços de identificação com a etnia de origem, mesmo ocorrendo a contínua mobilidade que tornaram muitas etnias esquecidas, aos poucos vão recuperando a sua cultura. Tendo em vista sua forma de vida e a herança cultural, a criança terena é educada nas formas básicas do povo Terena. A transmissão de todos os valores culturais de seu viver são transmitidos pela experiência do dia-a-dia, vivida e experimentada. O aprender das crianças não se limita à inteligência e ao raciocínio, mas sim na globalidade de viver. Tudo numa aldeia terena deve ser educativo direcionado para a forma de vida desta nação. Desde à educação informal que as crianças da Aldeia Tereré recebem de seus familiares por meio de uma boa conversa, com um bom conselho, elas são orientadas a seguirem um bom caminho, à Educação Superior que de acordo com a fala do cacique V. F. “a criança, o jovem e o adulto da Aldeia Tereré,

podem formar naquilo que quiserem, mas devem lembrar que depois de formados há emprego para eles dentro da aldeia para trabalhar com o próprio índio”.

Durante o trabalho de campo realizado na Aldeia, pude observar que pais, mães e avós da Aldeia Tereré valorizam a socialização primária, porque através dela a identidade indígena começa a ser registrada na mente do novo ser, pelo contato estabelecido com seus familiares, através das primeiras lições de vida e pelas regras de sobrevivência perpetuadas pelo grupo étnico.

A sociedade é uma realidade segundo Berger e Luckmann ao mesmo tempo objetiva e subjetiva. O indivíduo não nasce membro da sociedade, ao contrário, nasce com predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. O estudo das crianças da Aldeia Tereré leva-me a aprofundar nessas teorias para entender como a socialização ocorre. A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância e a partir dela torna-se membro da sociedade. Para os índios da Aldeia Tereré foi difícil definir infância por possuir um conceito abstrato, enquanto que para a sociedade não-indígena a definição de infância encontra-se registrada no Estatuto da Criança e do Adolescente, onde consta: “A infância compreende o período de 0 a 12 anos incompletos e a adolescência de 12 a 18 anos”. Os índios da Aldeia Tereré não concebem as definições do não-índio sobre infância como válidas, principalmente as fases do desenvolvimento humano, uma vez que a infância para eles é compreendida numa etapa maior e diferenciada da não-índio.

A preocupação do índio terena da Aldeia Tereré em preparar seus filhos para a sociedade externa, sem deixar de valorizar os mecanismos próprios de sua cultura, confirmam que as crianças indígenas chegam à escola com sua cultura e com o processo de aprendizagem próprio de sua etnia, Melià (1978, p.10) enfatiza que:

A cultura indígena é ensinada e aprendida em termos de socialização integrante. Então não há um período determinado como o nosso para aprender, a aprendizagem ocorre o tempo todo. Enquanto na nossa sociedade nós nos preocupamos em adquirir bens e armazenar mercadorias, o índio por sua vez trabalha para viver.

Durante a entrevista, uma filha da dona G. a pedido dela disse que o tempo da criança está distribuído da seguinte forma de acordo com sua fala:

As crianças da Aldeia Tereré levantam um pouco antes das 7 horas da manhã e deitam depois da novela das oito, porque em quase todas as casas já tem televisão. Durante o dia elas estudam num período e brincam no outro.

Por meio desta fala foi possível constatar a influência do não-índio nos aspectos formadores da cultura Terena. Havendo uma negociação implícita: o índio Terena não deixa de ser índio, mesmo em contato permanente com o entorno, mas participa de forma indireta dos bens de consumo do não-índio, dando lhes um novo significado, ou seja, ressignificando-os.

Percebi que a comunidade não-indígena interfere de maneira significativa nos hábitos das crianças indígenas da Aldeia Tereré, pois até os horários são influenciados pela mídia, inclusive submetem-se às normas pré-estabelecidas pela escola, fatores estes que alteram a rotina das crianças da Aldeia. Segundo os mais velhos, as crianças possuíam uma vida inteiramente livre.

Ao ser perguntado a índia L. se as crianças possuem horário fixo para dormir ela disse:

Depende de cada família, o pai e mãe é que determinam que horas elas devem dormir, mas a evolução, ou seja, os hábitos do homem branco fez com que a aldeia se tornasse muito diferente. A gente não vive brigando com as crianças, mas já encontramos na aldeia alguns pais que agem de maneira diferente.

Alguns hábitos das crianças da Aldeia Tereré são idênticos aos das crianças não-indígenas, conforme registrado nas entrevistas, constatei que este fato ocorre devido a proximidade da aldeia com área urbana e o constante contato entre a comunidade indígena e a população de Sidrolândia. Na Aldeia Tereré, a maioria é parente ou amigo, mesmo assim, foi possível compreender que há divergências de opinião sobre política, religião, gosto, preferência, criação de filhos, posição social e financeira, mas no olhar do visitante ou pesquisador, tudo acontece numa grande harmonia, inclusive sem atritos ou discussões por parte dos vizinhos. Pois segundo a fala do atual cacique há normas a serem cumpridas e quem não as segue, automaticamente está desvinculado da aldeia. De acordo com a fala de M. M. F. os hábitos das crianças no dia-a-dia da aldeia acontecem da seguinte forma:

Elas jogam bola, estudam e tem outras formas de lazer que elas praticam. No jogo de futebol tanto podem jogar meninos quanto meninas, as crianças desempenham uma atividade às quartas-feiras equivalente a um cursinho, ou aula de Educação Física, onde se aprende a jogar futebol, elas aprendem também a jogar vôlei.

L. R. F. índia Terena de 25 anos acrescentou: os brinquedos das crianças da aldeia são iguais aos das crianças brancas, ou seja: bonecas, carrinhos, etc.

Dona D. da Silva, de 76 anos ao falar sobre os hábitos das crianças disse:

Depois do colégio elas vão fazer a tarefa às vezes observam ou ajudam o avô a carpir. A senhora está vendo aquele homem lá capinando? Então, é como estou dizendo, as crianças sempre aparecem por lá para aprenderem.

O pajé V. F. disse: as crianças estudam e brincam porque o artesanato indígena acabou.

Segundo a fala do pajé V. F.

No passado, a criança indígena terena trabalhava junto com o adulto fazendo os trabalhos manuais e as atividades de plantio da lavoura. Atualmente estas práticas estão desaparecendo devido às dificuldades em relação à falta de espaço; as atividades dos

idosos que são aposentados e que têm o hábito de trabalhar no cultivo da terra tem diminuído também, estes hábitos fazem parte da vida dos idosos.

Através dos relatos e falas sobre a falta de espaço para o plantio foi possível apreender que esta insuficiência interfere na manutenção de seu modelo cultural, uma vez que o idoso tenta ensinar ao neto e bisneto como trabalhar na roça, mas sem a esperança de um resultado positivo, então, como disse o cacique o investimento deles agora deve ser numa educação de qualidade para suas crianças, para os jovens e para todos aqueles que ainda querem disputar no mercado de trabalho em condição de igualdade com o não-índio. Há ainda os recursos naturais que estão cada vez mais comprometidos, sendo assim a qualidade de vida dos índios da Aldeia Tereré não será a mesma do passado, ou seja, na época em que viviam em grandes áreas com recursos hídricos, fauna e flora abundantes.

A índia Terena C. de 23 anos, casada, mãe de três filhos, dona de casa falou sobre os hábitos das crianças da aldeia da seguinte forma:

As crianças desde que nascem são cuidadas pela mãe, mas se for preciso a avó também cuida. Sempre é a mãe que ensina a criança a engatinhar, depois as irmãs maiores ajudam a cuidar quando a mãe está ocupada. Antigamente as crianças indígenas dormiam em redes, assim como os pais, atualmente as famílias que têm melhores condições colocam a criança no berço até nascer outra e as família. Elas dormem em quartos separados dos pais, dormem juntas somente quando são pequenas. Enquanto as crianças não têm dentes, elas mamam ou bebem leite, depois comem comida amassada e ao nascerem os dentes comem de tudo. Não há horário estabelecido para a comida, elas comem conforme sentem fome.

2.4 A PERCEPÇÃO DOS INDÍGENAS SOBRE A CRIANÇA TERENA DA ALDEIA TERERÉ

Os pais, avós, tios e lideranças que participaram da entrevista realizada na Aldeia Tereré responderam as perguntas sem constrangimento, na opinião do pajé, senhor V. F. de 55 anos o conceito de criança é:

Criança para nós índios é desde que a criança nasce até aos 19 anos, a criança representa o futuro para nós. Esse futuro está simbolizado através do acesso da criança terena à escola, porque no passado as crianças terena tinham falta de recurso e oportunidade para frequentarem uma escola, diferente do que acontece hoje.

Para a dona D. da S. índia de 76 anos o conceito de criança é:

Desde que a criança nasce, até ficarem homens, quero dizer, se eles não saírem de casa, não constituir uma família por conta deles, (a senhora entende?) enquanto os filhos estão na dependência dos pais, eles são considerados crianças.

O diretor das Escolas Pólo e Extensão: J. G. em seus 09 anos de experiência como professor e atuando como diretor neste ano de 2006, definiu o que é a criança para o povo Terena:

A criança representa a continuidade e o futuro da etnia Terena. Mesmo que depois de crescer venha a sair da Aldeia, é para competir no mercado de trabalho. A formação que a criança recebe na sala de aula é para ela se tornar cada dia mais crítica, para poder competir no mundo dos brancos de igual para igual.

Com a garantia da permanência dos alunos indígenas da Aldeia Tereré na Educação Infantil à Universidade, a indispensável capacitação técnica por meio da informação tecnológica, em breve a população desta aldeia encontrará novas alternativas para recuperarem a sustentabilidade de seus sistemas de produção e melhorar a qualidade de vida, de acordo com os Direitos Humanos, em meio a diversidade cultural em que estão inseridos, ressaltando as especificidades referentes à cada etnia. Atualmente, conforme constatação in loco o que caracteriza a situação da maior parte dos povos indígenas em nosso Estado segundo o Programa Rede de Saberes é o seu confinamento em áreas de terras insuficientes para a sua vida, comprovado neste estudo sobre os índios da Aldeia

Tereré. A história desse povo é marcada pela progressiva perda de espaços para as frentes de colonização que foram adentrando nos territórios indígenas de ocupação tradicional.

A índia M.M.F de 30 anos ao conceituar a criança indígena disse:

Ela é o futuro para a comunidade, sem a criança não é possível falar em povo indígena, no passado, a gente não tinha tanto recurso, hoje a criança indígena tem acesso a muitas coisas, tais como: televisão, computadores, telefone, brinquedos, etc

Através desta fala constatei que a índia faz uma comparação entre a criança terena no passado, e como é a criança terena hoje, mas com o passar do tempo, com as mudanças aceitas ou impostas por meio da negociação, muitas alterações no “modus vivendi” da aldeia trouxeram benefícios, enquanto outras mudanças alteraram por completo aspectos e valores da cultura terena. É possível perceber que mesmo com todos os contrastes e adaptações pelas quais o índio terena passa, apesar da aldeia ser considerada urbana, os índios preservam aspectos culturais sutis. Na concepção da índia M.M.F de 30 anos uma criança terena feliz “é aquela que tem uma boa família, que recebe amor dos pais”. Esta afirmação é reforçada pelo senhor V. de 65 anos que expôs da seguinte forma: “A criança precisa de um bom pai, uma boa mãe e um bom ambiente, porque sem um bom pai e uma boa mãe, ela não é feliz na vida”.

Para a índia D. da S. De 76 anos criança terena feliz é “aquela que estuda, estudar hoje é uma grande felicidade, eu falo isto porque eu não pude estudar, por isso enfrentei muitas dificuldades para sobreviver e para criar minha família, o estudo ninguém tira da pessoa”.

Ao perguntar se as crianças da Aldeia indígena Tereré possuem algum medo/superstição, a índia L. disse que ainda existe um grande medo por parte das crianças, conforme mencionada abaixo:

Há um mito do passado que se faz presente até hoje na aldeia, vindo de muitas gerações que é o medo que algumas crianças apresentam quando vão ao cemitério, por isso, poucas crianças se animam a ir. As crianças têm medo por causa do defunto, elas acreditam que o defunto pode voltar e perturbar à noite.

O pajé V. F ao ser indagado se as crianças acompanham os pais em todas as suas atividades, ele disse:

Hoje meus filhos já estão criados, mas antigamente as crianças saiam com os pais somente para trabalharem ou em algum ambiente que fosse bom para a criança, caso contrário, elas ficavam dentro de casa. Com as mudanças que estão acontecendo, as crianças seguem o ritmo da educação dada pelos pais, mas é sempre bom educar as crianças dentro da nossa cultura.

Os índios entrevistados da Aldeia Tereré acreditam que a falta de conhecimento sobre essa cultura indígena, é que muitas vezes leva o não-índio a acreditar que o índio não possui cultura, essas idéias pré-concebidas podem interferir e modificar a cultura indígena, sobretudo se for um professor que pensa desta forma. Por isso eles reivindicam professores tanto para a Educação Infantil, quanto para as demais séries que sejam professores Terena, ou que tenham o conhecimento necessário para trabalhar com a etnia Terena da Aldeia Tereré.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação fiz um estudo da percepção dos adultos indígenas indicados pelo cacique da Aldeia sobre a socialização da criança Terena de 0 a 6 anos, pois para compreender como acontecem as relações sociais dentro de uma sociedade indígena foi preciso estudar a criança dessa respectiva sociedade, para que o estudo realizado fosse enriquecido em seus múltiplos aspectos.

Descrever como o processo de socialização primária acontece dentro da aldeia foi de suma importância neste trabalho, uma vez que, esta temática ainda não havia sido abordada pelos pesquisadores da área indígena. Nesta investigação pude focar a socialização da criança indígena da Aldeia Tereré em alguns aspectos, neles percebi que a criança é espontânea e mantém contato direto com os adultos, no entanto, não se deve perder de vista que é grande o número de fatores e agentes socializantes, tornando extremamente complexo compreender o processo de socialização o que levou-me a comprovar que a socialização desta criança está sendo desvendada aos poucos.

Há muito que conhecer, pesquisar e analisar sobre a criança Terena de 0 a 6 anos, pois a socialização da criança indígena Terena da Aldeia Tereré inicia e tem seu fundamento na família, onde a criança se desenvolve, aumenta sua socialização através da

interação com os amigos, e na escola adquire uma nova identidade, continua a se expandir nas outras fases da vida até atingir a vida adulta.

Considero relevante, a criança Terena ser educada no ambiente familiar, mesmo que a mãe trabalhe fora da aldeia, a criança tem o privilégio de ser assistida pelos avós ou os demais adultos da Aldeia Tereré que, através do cotidiano da aldeia os valores indígenas são perpassados às crianças de 0 a 6 anos que necessitam de uma atenção contínua. Outro fator de relevância, por mim detectado foi a ausência de creche na aldeia, isto levou-se a considerar que no momento esta instituição infantil não é viável para a população da Aldeia Tereré; tendo em vista a tradição do educar as crianças pelos mais velhos que se mantém até os dias atuais.

Ao conceituar a infância sob a ótica não-indígena e indígena obtive dados que confirmaram as diferenças de acordo com cada realidade, tendo em vista o desenvolvimento destas crianças. Na concepção dos adultos indígenas entrevistados, a infância não possui um tempo determinado, ela varia de acordo com a situação do sujeito envolvido em sua cultura, acontecendo do nascimento à constituição de sua própria família. Ao passo que em nossa sociedade o conceito de infância é pré-estabelecido pela legislação atua (ECA) que determina o período de 0 a 12 anos incompletos.

Busquei identificar os elementos da pedagogia indígena Terena na educação de crianças indígenas em permanente contato com a sociedade não-indígena, e constatei que pela proximidade da aldeia com a área urbana, torna-se cada vez mais difícil manter a criança indígena alheia aos acontecimentos do entorno, mas para a comunidade indígena da Aldeia Tereré o importante é ensinar a esta criança os valores próprios de sua cultura.

O índio da Aldeia Tereré faz a negociação de permanência na aldeia exercendo várias funções fora dela para manter com dignidade a sua sobrevivência, e com isso

mantém sua família na aldeia como estratégia para preservação da cultura terena. Em aldeias de outras etnias é possível encontrar estudos que detectaram graves problemas de desnutrição, alcoolismo, violência, entre outros, não sendo esta a realidade constatada por mim durante este estudo na Aldeia Tereré.

Por outro lado, o trabalho desempenhado pelos indígenas da Aldeia Tereré nos diversos setores fora da aldeia tem gerado, além da crescente urbanização deles no município de Sidrolândia devido ao contato diário com a sociedade do entorno e o aumento de casamentos com não-índio ocasiona também o afastamento de alguns, do convívio da aldeia, principalmente quando este fato ocorre com a mulher indígena Terena que segundo a tradição Terena deve acompanhar o marido, não podendo residir na aldeia.

O índio Terena da Aldeia Tereré negocia consigo mesmo compreendendo que a sociedade o respeita pela sua organização e conquista de acordo com a história de seu povo, sendo assim, o índio negocia com o não índio graças à sua autonomia e alteridade. Esta autonomia conquistada por eles leva-lhe a inferir sobre a importância dessa organização indígena no Estado de Mato Grosso do Sul, que possui a segunda maior população indígena do país, sendo os Terena a maior população em relação às demais etnias.

Percebi também, que não só as crianças, mas todos os seres com seus signos e símbolos dentro de uma aldeia indígena são capazes de modificar os olhares, os fazeres e as descobertas, de um pesquisador permeadas por emoções onde se respeitam as minorias e as diferenças com seus traços biológicos socioculturais e religiosos. Em relação à transcendência, o índio da Aldeia Tereré demonstrou um grande conhecimento e respeito a tudo que é espiritual, não desfazendo de nenhuma religião ou credo e acreditando na existência de um ser superior que cuida de todos os seres do Planeta.

Esta pesquisa: percepção dos adultos Terena sobre a socialização das crianças de 0 a 6 anos da Aldeia Tereré de Sidrolândia-MS, fez-me refletir sobre a riqueza da cultura Terena em seus diversos aspectos, principalmente em relação à socialização e educação das crianças Terena de 0 a 6 anos. Acredito que minha pesquisa servirá para incentivar novos estudos nesta área e que os futuros pesquisadores possam dar prosseguimento a esta temática, enfocando aspectos da socialização Terena que venham acrescentar as minhas descobertas e com isso ampliarmos o conhecimento sobre o povo Terena.

REFERÊNCIAS

- ACÇOLINI, Grazieli. **Terena**: adoção de um novo mito. 1996. 70 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 1996.
- ÁLBUM gráfico do Estado de Mato-Grosso. Org. por S. C. Ayala e Feliciano Simon. Corumbá: Hamburgo, 1914.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus,, 2002
- ARIÈS, Philippe. A História Social da infância e da família, R. J, Zahar, 1979.
- ARROYO, Miguel. “O significado da infância”, Anais do Seminário Nacional de Educação Infantil. Brasília, MEC/SEF/COEDI, 1994.
- AZANHA, Gilberto. **Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena Cachoeirinha**. Diário Oficial da União. Brasília. 14 nov. 2000.
- _____, . **Os Terena**. Centro de Trabalho Indigenista - Brasília, 2003.
- _____. **As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul**. Disponível em: www.trabalhoindigenista.org.br Acessado em 20 / 10 / 2005.
- AZANHA, José Mário P. **Educação: temas polêmicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRAGHIROLI, Elaine. **Temas de Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRAND, Antônio Jacó. **Formação de professores indígenas**: um estudo de caso. Disponível em :www.anped.br Acessado em 25 / 01 / 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade & etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense,1986
- _____. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense,2002
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC / SEF,1998.
- _____.Ministério da Educação..**Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC / SEF, 1999.

- _____. LDB (1971) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. nº 5.692. Brasília: MEC, 1971.
- CABRAL, Ma. Inez C. De Rousseau à Freinet ou da Teoria à Prática. S.P, Hemus, 1978
- CALLIGARIS, Contardo. “O reino encantado chega ao fim”, Folha de São Paulo, 24/7/94, p 4-6 [Caderno MAIS].
- CANDAU, Vera Maria (org.). **Sociedade educação e cultura(s):** questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CARVALHO, E. A. **As alternativas dos vencidos:** índios Terena no Estado de São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- CARVALHO, Silvia M. Schmuziger. Chaco: encruzilhada de povos e Melting Pot cultural, suas relações com a Bacia do Paraná e o Sul Mato-grossense. In: CUNHA, Manoela Carneiro da (org.): **História dos índios do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras – Secretaria Municipal de Cultura – FAPESP, 1992.
- CERISARA, Ana Beatriz. Rousseau: a educação na infância, S.P, Scipione, 1990.
- CHARLOT, Bernard. A mistificação pedagógica, R.J., ZAHAR, 1979.
- CIMI, Conselho Indigenista Missionário. Outros 500 – Construindo uma nova história. Editora Salesiana, São Paulo, 2001.
- COHN, Clarice. A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia. In: **Crianças indígenas:** ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.
- _____. A experiência da infância e o aprendizado entre os Xikrin. In: **Crianças indígenas:** ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Os direitos do índio: **ensaio e documentos.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.
- DAUSTER, Tania. “Uma infância de curta duração: trabalho e escola”, Cadernos de Pesquisa, S.P, n. 82, p 31-36, agosto/ 1992.
- EDUCAÇÃO E SOCIEDADE.: Dossiê Diferenças Campinas: CEDES, 179 Revista quadrimestral de Ciência da Educação. Ano XXIII – Agosto, 2002
- EDUCAÇÃO. Aprende, professor. São Paulo: Segmento, ano 9, nº 105. Revista mensal de Educação- Janeiro, 2006.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Unicef - UCDB, 1989.
- FEITOSA, S. F. Pronunciamento no Congresso Nacional no dia 19 de abril de 2004 em homenagem ao Dia do Índio.
- FERREIRA, Andrey Cordeiro. Mudanças cultural e afirmação identitária: a Antropologia, os Terenas e o debate sobre aculturação. Dissertação. Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. **A reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi.** São Paulo: FAPESP, 1994.

- GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: USP, 2003.
- GOUVEIA, Maria C. Anjos sobre a cidade. A criança de favela em seu mundo de cultura. **Trabalho apresentado na 14a. Reunião da ANPED,** São Paulo, 1991.
- GRAMSCI, Antônio. Cartas do Cárcere, R.J, Civilização Brasileira. 1978.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Legislação escolar indígena. In: **Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores: educação indígena** Brasília: MEC, SEF, 2002.
- _____. Os povos indígenas e a escola diferenciada: comentários sobre alguns instrumentos jurídicos internacionais. In: **Povos indígenas e tolerância: construindo prática de respeito e solidariedade.** São Paulo: EDUSP, 2001.
- LADEIRA, Maria Elisa Martins. A língua e história – **análise sociolinguística em um grupo Terena.** Dissertação (Mestrado). São Paulo: USP/SP, 2001.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MANGOLIN, Olívio. Povos indígenas no Mato Grosso do Sul: **viveremos por mais 500 anos. Campo Grande, Mato Grosso do Sul. 1993.**
- MAUSS. Marcel. **Sociologia e Antropologia,** com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss São Paulo: EPU, 1974.
- MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- 1.3, Bartolomeu **Ação pedagógica e alteridade: por uma pedagogia da diferença.** Comunicação apresentada à Conferência Ameríndia de Educação e Congresso de Professores Indígenas do Brasil. Cuiabá, 1997.
- _____. **Educação indígena e alfabetização.** Campo Grande: FUCMAT, 1978.
- MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: Teoria Método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- MONGIN, Oliver. “**A doença adulta da infância**”, Folha de São Paulo, 24/7/94, p 6-7 Caderno Mais.
- NARODOWSKI, Mariano. **Infancia y poder. La conformación de la pedagogia moderna.** Buenos Aires, AIQUE, 1994.
- NASCIMENTO, Adir Casaro. **Escola indígena: palco das diferenças.** Campo Grande: UCDB, 2004.
- _____. RAVEDUTTI, Vanessa Bianca, VIEIRA, Carlos Magno Naglis. **O perfil do professor índio do Mato Grosso do Sul e a prática pedagógica nas escolas indígenas: primeiras aproximações.** Campo Grande: UCDB, 2006
- _____. **Entender o outro: a criança indígena e a questão da educação infantil.** Caxambu: Trabalho Apresentado na 29º Reunião da ANPED, 2006.
- NASCIMENTO, M a. Evelyn do. **A Pedagogia Freinet: Natureza, Educação e Sociedade.** Campinas, Unicamp, 1995.

NUNES, Ângela. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A` u. we-Xavante. In: **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

_____. O lugar da criança nos textos sobre sociedades indígenas brasileiras In: **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

OLIVEIRA, Mercia Crepaldi Caarvalho de. **A formação do professor de Educação Artística e a cultura do povo Terena**. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2005.

OLIVEIRA, João Pacheco (org.). **A viagem da volta - etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.

_____. Uma etnologia dos “índios misturados”: situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: FILHO, Oliveira (Org.). **A viagem de volta**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999. p. 11-40.

_____. **Ensaio em antropologia histórica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SGANZERLA, Alfredo. **A história do Frei Mariano de Bagnaia: o missionário do Pantanal**. Campo Grande: FUCMAT, 1992.

_____. **Projeto: o índio Terena II**. Campo Grande: UCDB, 2002.

SILVA, Fernando Altenfeld. Mudança Cultural dos Terena. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, Nova Série, nº 3, 1949.

SILVA, Aracy Lopes da. Educação para a tolerância e povos indígenas no Brasil. In: **Povos indígenas e tolerância: construindo prática de respeito e solidariedade**. São Paulo: EDUSP, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995

SILVA, Aracy Lopes da; NUNES, Ângela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva (orgs.). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

VASCONCELOS, Cláudio A. de **A questão indígena na província de Mato Grosso – conflito, trama e continuidade**, campo Grande: UFMS, 1999.

VIEIRA, Ricardo. Da multiculturalidade à educação intercultural: a antropologia da educação na formação de professores. **Educação E Sociedade**, Campinas: CEDES, nº 12, p. 123 – 162, 1999

VIEIRA, Jorge. **Desenvolvimento local na perspectiva Terena de Cachoeirinha, município de Miranda/MS**. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2004.

ANEXO

**ANEXO 1 - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA
RESPONDIDA PELOS PAIS, AVÓS, TIOS, DIRETOR E
PROFESSORES DA ALDEIA TERERÉ**

- 1 – O que é considerado infância para o povo Terena? Ela ocorre em qual período?

- 2 – Quais são os hábitos (atividades das crianças na aldeia?)

- 3 – As crianças possuem horário fixo para dormir?

- 4 – As crianças acompanham os mais velhos em todos os lugares?

- 5 – As crianças possuem algum medo ou superstições?

- 6 – O que a criança Terena precisa para ser feliz?

- 7 - Qual é o conceito de criança para o povo Terena?

ANEXO 2 - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA RESPONDIDA PELO CACIQUE DA ALDEIA TERERÉ

- 1 – Como a criança Terena é educada na aldeia?
- 2 – Como é o dia-a-dia da criança na aldeia?
- 3 – Como ocorre o desmembramento do índio da aldeia? E quais são os motivos?
- 4 – A criança e o jovem Terena são incentivados a estudar?
- 5 – Como é organizada a parte social da Aldeia?
- 6 – O que a criança Terena precisa para ser feliz?
- 8 – Qual é o conceito de criança para o povo Terena?
- 9 – A criança Terena acompanha seus pais nas atividades fora da Aldeia?

ANEXO 3 - FOTOS DA ALDEIA TERERÉ

Figura 1 – Foto de D.S índia terena, 76 anos de idade e falante da língua



Fonte: Material coletado pela pesquisadora

Figura 2 - Foto do Posto de Saúde da Aldeia Tereré



Fonte: Material coletado pela pesquisadora

Figura 3 - Foto da Igreja Evangélica UNIEDAS



Fonte: Material coletado pela pesquisadora

Figura 4 - Foto da Capela da Igreja Católica Nossa Senhora da Abadia



Fonte: Material coletado pela pesquisadora

Figura 7 – Foto de Criança Terena Brincando



Fonte: Material coletado pela pesquisadora

Figura 8 – Foto de Criança na Aldeia Tereré



Fonte: Material coletado pela pesquisadora

Figura 6 – Foto da Escola Municipal Cacique João Batista Figueiredo



Fonte: Material coletado pela pesquisadora

Figura 5 – Foto de Campo de Futebol da Aldeia Tereré



Fonte: Material coletado pela autora